

## 5. A CONFORMAÇÃO DOS SABERES NA SÍNTESE EPISTEMOLÓGICA

*É impossível estudar a obra dos grandes mathematicos, e mesmo a dos menos conhecidos, sem notar e distinguir duas tendencias oppostas, ou antes duas especies de espiritos inteiramente diferentes. Uns se mostram, antes de tudo, preocupados com a logica; quando se lêem seus trabalhos, propende-se a crer que somente passo a passo elles adeantaram, com método de um Vauban, que emprega os meios de se aproximar de uma praça forte sem nada abandonar ao acaso. Os outros, deixam-se guiar pela intuição e fazem logo conquistas rapidas, porém ás vezes precarias, como ousados cavaleiros de vanguarda. Não é a matéria que elles tratam que lhes impõe um ou outra methodo. Se, frequentemente, se diz dos primeiros que eles são analystas e se aos outros dá-se a denominação de geometras, isso não impede que uns permaneçam analystas, mesmo quando fazem geometria, ao passo que os outros são ainda geometras, mesmo quando se occupam de analyse pura. É a própria natureza do seu espirito que os torna logicos ou intuitivos, e elles não a podem eliminar quando discutem um assumpto novo. [POINCARÉ, H.: O valor da Sciencia - Livraria Garnier, RJ, 1924:3 e 4]*

### OPERACIONALIDADE DO INTERESSE DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO SABER

Sendo estabelecido que, na constituição de cada **interesse epistemológico**, operam PRINCÍPIOS e ARQUÉTIPOS, e que o respectivo *locus*, relativamente aos campos de atualização do saber de onde se originam ou impactam, não é aleatório, formulamos a seguinte proposição teórica: que todo PRINCÍPIO é uma originalidade que faz emergir o interesse epistemológico no campo de atualização do saber, que lhe é primeiro, ou seja, imediatamente, correlato; e que todo ARQUÉTIPO corresponde a uma obsistência, que o interesse epistemológico defronta, no campo de atualização do saber, que lhe é segundo, ou seja, mediadamente, correlato.

Na simplicidade dessa tese, constrói-se uma complexa interação, onde **princípios** e **arquétipos** intervêm no próprio núcleo do processo de comunicação lingüística, que é objeto de uma antecipada “*compreensão do Ser*” - que designamos como **proto-síntese da linguagem**; e que se desdobra nos **três níveis do modo de produção do saber**:

- a) nas tríades constitutivas de cada função comunicativa ou interesse epistemológico, que são objeto de estudo pelas disciplinas que integram a **divisão funcional do saber**;
- b) na quaternidade das relações diádicas, que articulam a **divisão estrutural do saber**; e
- c) nas tríades, que conformam o impacto dos interesses epistemológicos nos campos de atualização do saber, e que constituem, à falta de melhor designação, a **divisão praxiológica do saber**.

O núcleo do processo da comunicação lingüística, que emerge à análise a partir da articulação o da concepção triádica - no agir comunicativo em HABERMAS e na tríade sgnica em PEIRCE - passamos a configurá-lo, no quadro categorial da **Tabela 17**, numa terminologia própria da epistemologia de síntese. Constituindo-se numa expressão sintética do agir e do fazer

comunicativos, a análise dos interesses epistemológicos das categorias que integram esse **Núcleo do Entendimento e do Conhecimento** nos permite construir um modelo, a partir do qual se torna possível definir a constelação das respectivas subtríades signícas.

**Tabela 17 - O Núcleo do Entendimento e do Conhecimento e a constelação das subtríades dos interesses epistemológicos, com a respectiva correspondência na divisão funcional do saber.**

| INTERESSES EPISTEMOLÓGICOS                       | PRINCÍPIOS E ARQUÉTIPOS      | ORIGINALIDADE/ABDUÇÃO /TOTALIDADE | TRANSUAÇÃO/ TERCEIRIDADE/ PARTICULARIDADE | OBSISTÊNCIA/SECUNDARIDADE/ TOTALIDADE | DIVISÃO FUNCIONAL DO CONHECIMENTO |
|--|------------------------------|-----------------------------------|---|---------------------------------------|-----------------------------------|
| NÚCLEO DO ENTENDIMENTO E CONHECIMENTO            | AUTO-REALIZAÇÃO              | PRINCÍPIO                         | APLICAÇÃO                                 | ORGANIZAÇÃO                           | PROTO-SÍNTESE DA LINGUAGEM        |
|  | AUTO-REFLEXÃO                | REPRESENTAÇÃO                     | EXPRESSÃO                                 | ARQUÉTIPO                             |                                   |
| INTERESSE TRANSCENDENTAL DO ENTENDIMENTO         | PRINCÍPIO: RAZÃO             | PARCIALIZAÇÃO                     | JUSTIFICAÇÃO                              | ADJUDICAÇÃO                           | SEMIÓTICA TRANSCENDENTAL          |
|  | ARQUÉTIPO: PARADIGMA         | CONSENSUALIZAÇÃO                  | FORMALIZAÇÃO                              | INSTITUCIONALIZAÇÃO                   | EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE          |
| INTERESSE DA RECONSTRUÇÃO TEÓRICA DO SIGNIFICADO | PRINCÍPIO: CRÍTICA           | SUSPEIÇÃO (ASTÚCIA DA FÉ)         | RESTAURAÇÃO                               | RECOLHIMENTO DO SENTIDO               | HERMENEÚTICA                      |
|  | ARQUÉTIPO: MÉTODO            | CORROBORAÇÃO                      | DEMONSTRAÇÃO                              | OBSERVAÇÃO                            | HEURÍSTICA                        |
| INTERESSE DA COMPREENSÃO PARTICIPATIVA DO SABER  | PRINCÍPIO: SABEDORIA PRÁTICA | TOTALIZAÇÃO                       | INTERNALIZAÇÃO                            | REFLEXÃO                              | ÉTICA                             |
|  | ARQUÉTIPO: CONSCIÊNCIA       | EMPATIA                           | POSTULAÇÃO                                | CONVICÇÃO                             | POLÍTICA                          |

Analisando-se as categorias figuradas no primeiro nível da **Tabela 17**, visualiza-se o núcleo da comunicação lingüística no modo de produção do saber (NÚCLEO DO ENTENDIMENTO E DO CONHECIMENTO). Aqui, o PRINCÍPIO é a expressão de uma finalidade possível, que se projeta no horizonte profundo da necessidade objetiva a que responde o respectivo interesse epistemológico, a qual designa o seu ARQUÉTIPO. Mas, nessa relação há uma passagem de nível - ou dimensão: no âmbito de cada interesse epistemológico, o PRINCÍPIO é a originalidade de um **fazer comunicativo**; enquanto o ARQUÉTIPO é a dedução (determinação lógica derivada) do respectivo **agir comunicativo**.

Disso decorre que a **secundidade de um PRINCÍPIO não constitui, ainda, a determinação arquetipal** que conforma os limites de possibilidade do respectivo agir comunicativo. Todo PRINCÍPIO demanda uma ORGANIZAÇÃO, que é a atualização normativa

do seu fazer comunicativo, e é essa ORGANIZAÇÃO que se reflete no ARQUÉTIPO de um agir comunicativo. Nessa relação de duas secundidades - da ORGANIZAÇÃO e do ARQUÉTIPO - percebe-se uma correspondência de duas estruturas que, embora complementares no modo de produção do saber, resguardam-se a autonomia e a irredutibilidade de duas totalidades: refletida e vivida. Há necessidade, portanto, de uma concertação dos seus respectivos tempos, para que se complete o ciclo de interações que articula o fazer e o agir no núcleo da comunicação lingüística. A superação da problemática do Sujeito implica, assim, que **a finalidade não determina diretamente as condições de satisfação da necessidade**, que ela mesma projeta como totalidade vivida. Nenhuma vontade se realiza diretamente na história, através das suas obras, de sorte a movimentar, como uma correia de transmissão, a totalidade do sistema de ação capaz de assegurar a sua atualização no mundo da vida... e é muito bom que assim aconteça. Caso contrário, a história registraria, apenas, uma sucessão de arbitrariedades.

De outro lado, **a originalidade de um ARQUÉTIPO, não constitui, ainda, a finalidade principiológica**, que se desborda como fundamento do respectivo fazer comunicativo. Todo ARQUÉTIPO demanda uma REPRESENTAÇÃO, que se constitui na atualização prática do seu agir comunicativo, e é essa REPRESENTAÇÃO que se reflete no PRINCÍPIO de um fazer comunicativo. Nessa relação de duas primeiridades, da REPRESENTAÇÃO e do PRINCÍPIO, percebe-se a correspondências de duas intencionalidades que, embora complementares, resguardam-se, também, a respectiva autonomia e irredutibilidade. A passagem do agir ao fazer comunicativos, no plano da primeiridade exige, portanto, uma concertação dos respectivos modos de ser e uma transação das respectivas postulações e objeções, de sorte que **nenhuma determinação arquetipal se torna, imediatamente, parteira da história** como um fazer comunicativo, capaz de assegurar-se, de per si, a sua reprodução nas estruturas de comunicação ... e, também, é muito bom que assim aconteça. Caso contrário, a vida se reduziria a uma repetição de coercitvidades.

As **totalidades refletida e vivida**, portanto, que **articulam o signo e a inferência** no nível das primeiridades e das secundidades, engendram relações dialeticamente tensionadas dos níveis do fazer e do agir comunicativos. De outro lado, o modo de produção do saber atualiza sempre os seus resultados pela EXPRESSÃO de um entendimento, ou pela APLICAÇÃO de um conhecimento, como **particularidades fenomênicas**.

A relação, à sua vez complexa e problemática, entre essas duas manifestações da particularidade e os diferentes modos de ser da totalidade no processo da comunicação lingüística, abrem o espaço necessário para que se **torne inviável o fechamento do sistema da comunicação lingüística**; para que se reconheça a dignidade própria da insignificância, da casualidade, ou seja, de tudo aquilo que integra, de alguma forma sensível e sensata, o senso comum da vida, na parturição do saber.

Há uma certa ironia da história, no fato que a construção mais acabada da dialética triádica como um sistema fechado - na “**Fenomenologia do Espírito**” de HEGEL - estivesse, desde logo, condenado à sua própria contradição pelo potencial latente de abertura do respectivo sistema, que o filósofo trabalha na “**Ciência da Lógica**”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Para uma discussão mais detalhada desse ponto, que efetivei num momento ainda embrionário de elaboração da concepção epistemológica aqui explicitada, remeto o leitor ao artigo que publiquei em 1976, na REVISTA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFRGS, intitulado: “Epistemologia das Ciências Sociais I - O Sistema da Dialética”. Na época, preocupei-me em tracejar as linhas de uma análise que se preocupava em detectar o modo, pelo qual ruíra o “construto” hegeliano no pensamento marxista e suas derivações mais contemporâneas. Prometi a continuação desse trabalho, num estudo que retomasse a problemática contemporânea da dialética, a partir de enquadramentos teóricos convergentes, mas não tributários das coerções

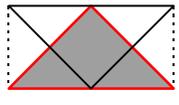
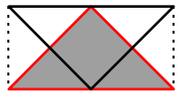
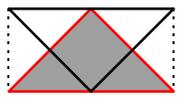
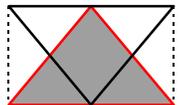
Há, efetivamente, incompatibilidade entre a simplicidade grosseira da seqüência conceitual de TESE, ANTÍTESE e SÍNTESE, e a complexidade sutil das categorias da POSSIBILIDADE, NECESSIDADE e CASUALIDADE. Estabelecer uma correspondência linear e unívoca entres esses dois níveis de análise, ao ponto de tomar-se um pelo outro indiferenciadamente, foi o pequeno-grande equívoco da tradição hegelo-marxista. O quase insignificante detalhe - que a Ciência da Lógica implicava uma distinção de níveis, e que precisava admitir, no seu núcleo de interações conceituais, não uma, mas duas tríades e a respectiva tensão diádica entre o abstrato e o concreto, sem proclamar-se a efetiva supressão de um ou de outro - provocou a incomensurável frustração da sua interpretação vulgar.

Nos níveis subjacentes da **Tabela 17**, as relações triádicas correspondentes aos três interesses epistemológicos articulam, de forma precisa e localizada, as categorias dos respectivos subsignos, no sistema conceitual da epistemologia de síntese. Trata-se de categorias que têm sido utilizadas de forma indiscriminada - às vezes denotando sinonimias em conceitos de origem e sentido bem diverso, às vezes identificando nexos de obscura procedência entre conceitos de diferente denotação - e que, de qualquer forma, assumem agora uma condição própria, bem determinada e clarificada, no paradigma emergente. De sorte que, agora, trabalhando a morfologia do novo paradigma, submetemo-nos à disciplina da forma triádica para representar essa mesma constelação triádica nos diagramas do **Quadro 11**.

---

lógicas da herança hegelo-marxista, e que viesse, assim, a estabelecer as bases para uma concepção da dialética como um sistema aberto, emancipado da violência histórica dos voluntarismos e determinismos do hegelianismo interpretado por Marx. Já à época, deixei-me influir por dois traços característicos da visão crítica de LEFEBVRE [1969], que são o resgate à dignidade do **quotidiano**, que introduz a categoria da felicidade na dialética da necessidade e a importância da noção de **nível** como um elemento de subversão do determinismo implícito à noção de sistema. Cumpro, agora, na medida do que me foi dado amadurecer ao longo desse tempo, a promessa dos anos setenta: a publicação de uma “Epistemologia das Ciências Sociais II”, cujo subtítulo poderia inverter os termos daquele primeiro artigo, para caracterizar seu foco analítico: “A Dialética do Sistema”. Nessa construção, objetivo o resgate dos saberes que integram o cotidiano da vida, à dignidade de um tratamento epistemológico que evidencie seu conteúdo de verdade, mas, sobretudo, utilizo a noção de nível - na separação do agir e do fazer comunicativos - como o instrumento de trabalho, que me permite processar a implosão do espectro, do fantasma que ainda persiste, do sistemão que tudo explica, antecipa e resolve.

**Quadro 11 - O núcleo do processo de comunicação e a constelação de subtríades dos interesses epistemológicos.**

| <b>FUNÇÕES SÍGNICAS</b>  | <b>PÓLOS DIÁDICOS</b>                                | <b>Primeiridade [originalidade/ abdução]</b> | <b>Terceiridade [transuasão/ indução]</b>  | <b>Secundidade [obsistência/ dedução]</b>                             |
|--|--|--|--|---|
| <b>Núcleo triádico do SIGNO, como AUTO-REALIZAÇÃO COMUNICATIVA</b> | Perspectiva do FAZER COMUNICATIVO: (1ª, 2ª e 3ª)     | Princípio (1ª)<br>Representação (I)          |    | Expressão (III)<br>Organização (2ª)<br>Arquétipo (II)                 |
|  | Perspectiva do AGIR COMUNICATIVO: (I, II e III)      |  |  |   |
| <b>Interesse transcendental do entendimento</b>                    | Fazer comunicativo - RAZÃO (1ª, 2ª e 3ª)             | Parcialização (1ª)<br>Consensualização (I)   |    | Formalização (III)<br>Adjudicação (2ª)<br>Institucionalização (II)    |
|  | Agir comunicativo - PARADIGMA (I, II e III)          |  |  |   |
| <b>Interesse da Reconstrução Teórica do Significado</b>            | Fazer comunicativo - CRÍTICA (1ª, 2ª e 3ª)           | Suspeição (1ª)<br>Corroboração (I)           |   | Demonstração (III)<br>Recolhimento do sentido (2ª)<br>Observação (II) |
|  | Agir comunicativo - MÉTODO (I, II e III)             |  |  |   |
| <b>Interesse da compreensão participativa do discurso</b>          | Fazer comunicativo - SABEDORIA PRÁTICA (1ª, 2ª e 3ª) | Totalização (1ª)<br>Empatia (I)              |  | Postulação (III)<br>Reflexão (2ª)<br>Convicção (II)                   |
|  | Agir comunicativo - CONSCIÊNCIA (I, II e III)        |  |  |   |

Foge aos limites deste texto o aprofundamento de uma discussão relativa ao estatuto definicional de todas as categorias emergentes e conexões lógicas, que integram a constelação triádica dos interesses epistemológicos. Algumas considerações, no entanto, se impõem no sentido de identificarem-se os pressupostos funcionais (teleológicos) e estruturais (derivações lógicas determinadas), que asseguram a sua articulação no paradigma da epistemologia de síntese.

Um sentido para essa reflexão, que tem a vantagem de corresponder às características sintéticas dessa exposição, é a modelagem avançada das relações substantivas que justificam a presença e o *locus* de cada conceito na constelação subtriádica, que especifica a funcionalidade dos interesses epistemológicos no modo de produção do saber. Dessa modelagem deve resultar esclarecido o papel de cada categoria conceitual no processo da comunicação lingüística, e a articulação funcional das seis disciplinas - ou divisões funcionais do saber - que o tem por objeto de estudo [ou seja, como alvo do seu próprio e específico agir e fazer comunicativos].

Na origem desse exercício de modelagem teórica, será preciso ancorar algumas conclusões até aqui ameadas, que propomos sob a forma de três “*proposições cotárias*”<sup>2</sup> e suas múltiplas derivações:

1 **QUE O SER EXISTE, MAS NÃO SE DEIXA CONHECER ENQUANTO TAL.**

Percorremos o caminho inverso dessa conclusão ao contestar as três proposições do sofista GÓRGIAS, afirmando, primeiro, que algo pode ser comunicado; segundo, que então algo pode ser (re)conhecido; pelo que se pode, por terceiro, afirmar que algo existe, como condição prática de realização da tríade sýnica. Este é o ponto de chegada e de partida da Semiótica Transcendental, em seu reconhecimento de que o **SER** é o objeto possível de uma visão do mundo mediada por **SIGNOS**. Daí para frente, no entanto, o rigor lógico nos obriga percorrer um caminho de volta.

É que, se só podemos afirmar que o ser existe, pela capacidade de comunicar-nos sobre o (re)conhecimento das suas (RE)PRESENTAÇÕES sýnicas, então, aquilo que existe **enquanto tal** não se deixa comunicar, e assim, também não pode ser conhecido. Do que decorre a nossa segunda proposição *cotária*...

2 **QUE A TOTALIDADE, TAMBÉM, É IRREDUTÍVEL À SUA REPRESENTAÇÃO,** pois se o Ser pode ser (re)conhecido numa (re)representação, é porque **existe alguma coisa** que se comunica, que se deixa conhecer, que nos permite afirmar a existência do Ser, que não é o Ser (re)conhecido mas incognoscível, e nem a sua (re)Representação porque tendo se deixado conhecer lhe é anterior, mas que, necessariamente, tem “algo do Ser”.

O “quê” é esse “algo do Ser” e o “como” se torna acessível à comunicação e ao conhecimento? Eis aqui as duas questões que resumem o horizonte mais fecundo da investigação filosófica pós-kantiana. Está posta aqui, por exemplo, toda a Analítica Existencial de HEIDEGGER, cuja concepção do *ser-no-mundo* [DASEIN], representa a busca de “*uma unidade possível entre ser e conhecer*” [STEIN, 1993:300]. Para responder à primeira questão, HEIDEGGER encara esse fato de que a totalidade do ser é irredutível à sua representação, mas qualifica essa afirmação em três topos diferenciados: percebe que [a] “*o todo não se espelha na parte*” no sentido de identificar-se com ela; mas afirma que, não obstante, [b] “*o todo se vela na parte*”; e, exatamente por isso, reconhece que, de alguma forma, [c] “*se toma a parte pelo todo*”. Na resposta à segunda questão, o filósofo empreende a construção de uma fenomenologia hermenêutica, que pretende capaz de identificar na parte, que é *ser-no-mundo* ou, mesmo, o mero existir fático da natureza, “*uma possível totalidade de ente, que é compreensão do ser*”. [STEIN, 1993:305]

Para os objetivos pragmáticos e sintéticos deste texto, não há necessidade, entretanto, de reproduzir-se o caminho do filósofo, até porque essa se constitui numa aventura para poucos, e o nosso intento é mais modesto. Mas importa registrar sua conclusão de que a “*compreensão do ser*” implicaria uma “*totalidade possível*”, de algo que está no mundo [como *ente*] e pode ser conhecido, que não é entretanto o próprio Ser e nem, apenas, a sua Representação. Do que decorre nossa terceira proposição *cotária*...

3 **QUE A TOTALIDADE É CONHECIDA OU COMUNICADA ENQUANTO PARTICULARIDADE FENOMÊNICA,** a qual, não obstante ser incapaz de exaurir a

---

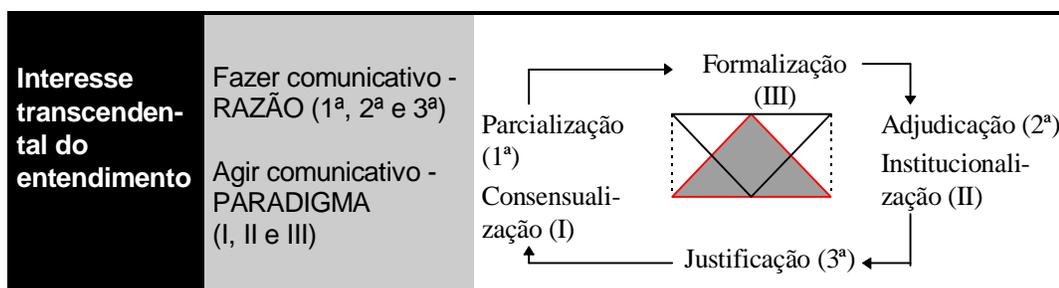
<sup>2</sup> O termo é utilizado no sentido que lhe confere PEIRCE [1977:225]: proposições que afirmam a máxima do pragmatismo.

totalidade, carrega uma compreensão vivida ou refletida da própria totalidade. O todo não se identifica com a parte, mas a parte emula o todo - seja como manifestação de uma totalidade vivida, seja como sentido de uma totalidade refletida. É assim que a estrutura se deixa conhecer na conjuntura, e que a regularidade dos comportamentos permite conhecer a sua legalidade. Esclarecer o processo do conhecimento, como revelação do Ser na sua particularidade fenomênica, que objetiva a decifração do vivido e seu (re)conhecimento na reflexão, como representação da totalidade, é tarefa do novo paradigma da epistemologia de síntese.

Destas três *proposições cotárias*, deriva-se um encadeamento lógico de conseqüências que nos permitem esboçar uma análise descritiva do modo como operam os interesses epistemológicos na produção do conhecimento. Assim:

4 **NO INTERESSE DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO ENTENDIMENTO**, é necessário que a totalidade se deixe fracionar em alguma coisa que é parte dela e que, assim, se torna acessível à comunicação e ao conhecimento. Daí porque o conhecimento e a comunicação da totalidade implica, necessariamente, o exercício da RAZÃO [cuja etimologia designa a fração de um número inteiro - a parte de um todo]. Ao mesmo tempo, a parte não revela o Ser senão pela sua capacidade de emulação da totalidade, que precisa ser clarificada. Eis porque a RAZÃO só ganha sentido no contexto de uma *compreensão do ser* que reflete uma vivência arquetípica da totalidade, que lhe é anterior e que orienta essa mesma *compreensão do ser* na condição de um PARADIGMA. É nesse quadro conceitual que se podem derivar os momentos operativos do INTERESSE DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO ENTENDIMENTO no modo de produção do saber, na perspectiva da figuração parcial do **Quadro 11** (reproduzida abaixo) como a seguir descrito:

**Quadro 11.1 - Subtríades do Interesse Transcendental do Entendimento**

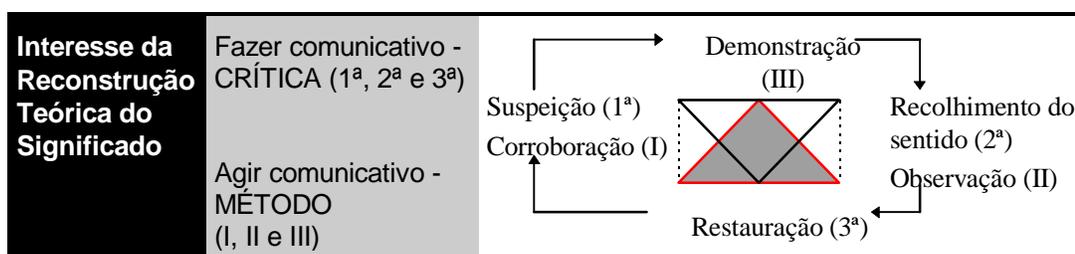


- 4.1 PARCIALIZAÇÃO: o princípio de tudo que se comunica é a expressão particular de uma totalidade fracionada;
- 4.2 ADJUDICAÇÃO: a compreensão de tudo que se faz é uma atribuição da sua particularidade na totalidade reconstruída;
- 4.3 JUSTIFICAÇÃO: a aplicação de um fazer comunicativo é a sua projeção como particularidade concreta na esfera do agir comunicativo;
- 4.4 INSTITUCIONALIZAÇÃO: a origem de toda compreensão é a cristalização de uma totalidade vivida na sua forma arquetipal;

- 4.5 **CONSENSUALIZAÇÃO:** o fundamento de todo princípio é a autenticidade da sua representação como vivência da totalidade.
- 4.6 **FORMALIZAÇÃO:** a expressão de um agir comunicativo é a sua projeção como particularidade abstrata na esfera do fazer comunicativo.

5 **NO INTERESSE DA RECONSTRUÇÃO TEÓRICA DO SIGNIFICADO:** é necessário perceber que toda a formalização paradigmática do conhecimento, constitui uma *compreensão do ser*, que não exaure a sua totalidade. Daí porque aquilo que, assim se comunica, para ser afinal [re]conhecido, é necessariamente provisório e contingenciado. E, como tudo que é passageiro e circunstancial, exige permanente manutenção e revisão, reiteração e adequação. Pelo que impõe submeter-se, sistematicamente, o conteúdo da comunicação paradigmática ao influxo permanente da CRÍTICA e à disciplina do MÉTODO. É nesse quadro conceitual que se podem derivar os momentos operativos do INTERESSE DA RECONSTRUÇÃO TEÓRICA DO SIGNIFICADO no modo de produção do saber, na perspectiva da figuração parcial do **Quadro 11** (reproduzida abaixo) como a seguir descrito:

**Quadro 11.2 - Subtríades do Interesse da Reconstrução Teórica do Significado**

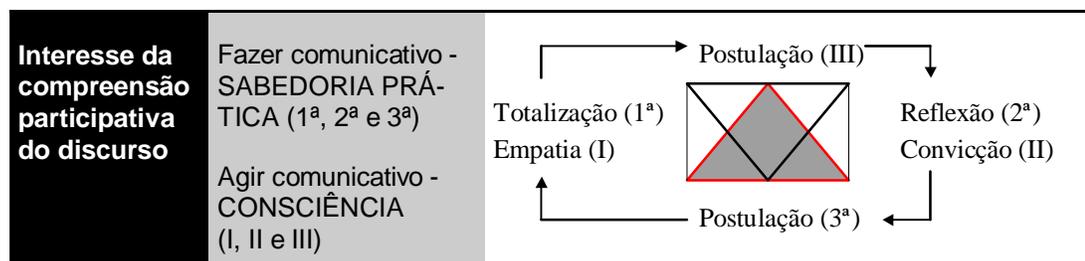


- 5.1 **SUSPEIÇÃO:** Porque a nossa *compreensão do ser* nunca exaure a totalidade e, ademais, se constitui num “*a priori*” da sua própria representação e comunicação, de qualquer forma que nos aproximemos do saber, a atitude socrática do “*sei que nada sei*” [o desmascaramento da consciência imediata, até como um desapossamento da consciência das suas resistências narcisistas à verdade]<sup>3</sup>, é imperativo diante do conhecimento alcançado, formalizado e sempre-já dado. Trata-se de um ritual de passagem necessário à pretensão do saber; o que o move é a fé, na própria capacidade de avançar um saber-mais que exige, por sua vez, a suspeição do saber-atual, até como astúcia da razão no afastamento dos obstáculos ao conhecimento, que estão dados pela configuração prévia da própria consciência e da sua compreensão do mundo.
- 5.2 **RECOLHIMENTO DE SENTIDO:** Como tudo que se despoja se expõe, a meditação da sua própria máscara pela consciência imediata de um saber sempre-já-dado é o princípio de uma nova *démarche* na auto-construção da consciência, passando a exigir a sua intervenção, como capacidade ativa de escuta e perscrutação do “algo que emula o Ser”, na particularidade fenomênica que se oferece à consciência desapossada. É o que RICOEUR designou por “*recolhimento do sentido*”.

<sup>3</sup> Esse conceito de *desapossamento* é tributário de RICOEUR: “o desapossamento da consciência é sua vida, porque o tornar-se consciente é sua tarefa” [1977:357]

- 5.3 RESTAURAÇÃO: E o sentido recolhido deve ser explicitado. Trata-se, aqui, de uma descrição<sup>4</sup> do “algo do Ser” que foi compreendido. Porque é essa descrição que será passível de significação e, assim, de comunicação.
- 5.4 OBSERVAÇÃO: Assim, também, o que é descrito pode ser objeto de verificação pela comunidade de comunicação, ou seja, torna-se passível de uma confrontação empírica pela sua observação ou replicação da experiência.
- 5.5 CORROBORAÇÃO: O que é observado pode ser, então, reduzido aos termos da sua representação teórica. Do que se conclui, contrariando o enfoque tradicional da epistemologia cientificista, que a teoria é o resultado de uma compreensão e de uma confirmação prévias, que lhe antecipam o “algo da totalidade”, que confere sentido à redução causal da sua explicação.
- 5.6 DEMONSTRAÇÃO: E a explicação assim consolidada pode ser demonstrada como um significado que persuade e ganha aceitação pela correspondência de sentido da sua hipótese causal, tornando-se então evidente.
- 6 **NO INTERESSE DA COMPREENSÃO PARTICIPATIVA DO DISCURSO:** a evidência - ou o significado, como representação do conhecimento de “algo do Ser” - impacta no mundo da vida. Pelo princípio da SABEDORIA PRÁTICA, reconcilia-se o projeto socrático do auto-conhecimento, numa operação de resgate ao conhecimento possível da totalidade do Ser, que a Razão havia parcializado. E, nas determinações da nova CONSCIÊNCIA, redefine-se a sua posição diante dos demais sujeitos de comunicação no conteúdo de uma efetiva postulação de sentido. Tem lugar, então, o reinício da caminhada em direção ao saber-mais, que, de alguma forma, reproduz o esforço de Sísifo no enfrentamento da sua montanha. Mas de um Sísifo que encontrou, ao longo da sua caminhada montanha-acima-montanha-abaxo, razões de auto-confirmação que o permitem considerar-se um Ser feliz.

#### Quadro 11.1. Subtríades do Interesse da Compreensão Participativa do Discurso



- 6.1 TOTALIZAÇÃO: A demonstração emula a totalização porque agrega, à força explanatória de uma hipótese causal, a confirmação da sua correspondência numa totalidade vivida. Sem esse quadro de referência, a demonstração é frágil e não se afirma pela evidência.
- 6.2 REFLEXÃO: Toda evidência, por sua vez, representa um impacto do vivido no conhecimento-de-si-mesmo proposto pela máxima socrática.

<sup>4</sup> “Descreve-se extraindo a visada (noética) e seu correlato (noemático): o algo visado, o objeto implícito no rito, no mito e na crença”. [RICOEUR, 1977:34]

- 6.3 INTERNALIZAÇÃO: E, sendo a reflexão de uma evidência, meditação do mundo - na profundidade de um saber, que afronta o desafio, de dar-se uma razão de conhecer para que afinal o acesso lhe seja franqueado - implica dessarte na modificação interna do compromisso, do engajamento pessoal, do enfrentamento socrático perante a Assembléia dos cidadãos.
- 6.4 CONVICÇÃO: É nesse sentido comum, por sua vez, solidariamente vivenciado e partilhado, que se pode desenvolver a convicção necessária à auto-confirmação no processo de comunicação.
- 6.5 EMPATIA: Nesse compromisso de alguém consigo mesmo reside, também, a virtude empatia, que é a perspectiva da sua ligação no compromisso do outro; isso que permite expressar um sentido comum, necessário à transmissão da mensagem.
- 6.6 POSTULAÇÃO: Chegada ao termos da sua *démarche*, a Verdade se atualiza como postulação de um sentido à totalidade assim refletida, que emula a Razão e a retomada do ciclo pelo fracionamento do Ser, pela adjudicação do valor postulado e pela sua necessária justificação.

### 5.1 *Análise diagramática das relações triádicas na epistemologia de síntese - esboço de um modelo.*

A dialética subtriádica, que se detalhou nas seções anteriores, resulta da operação articulada dos três *interesses epistemológicos* e se desvela nos três *campos de atualização do saber* - ou seja, da sua própria prática epistemológica. É relevante, agora, que se clarifique esse desbordamento da reflexão sobre a estrutura no âmbito de uma epistemologia de síntese. Isso é tão mais significativo, porque é nessa interseção do modo de produção do saber que emerge a problemática contemporânea da técnica - ou seja, a questão da dominação pela tecnologia.

Embora constitua o domínio da **técnica** - ou melhor dito, o domínio pela técnica, o traço mais característico da civilização contemporânea -, é possível percorrer-se toda uma bibliografia que discorre sobre os seus efeitos sem que se possa dela auferir uma efetiva e satisfatória clareza definicional<sup>5</sup>. Ora a técnica é visualizada como realização da promessa de solução dos problemas do mundo, numa civilização científica; ora ela é visualizada como uma conseqüência, à sua vez necessária e necessariamente perversa, do desenvolvimento cientificista<sup>6</sup>; ora ela é concebida como uma conseqüência, inevitável mas direcionável, do processo de apropriação da natureza pelo homem<sup>7</sup>. Em todos os casos, entretanto, ressentem-se a falta de um enquadramento sistemático do conceito, no paradigma de uma epistemologia que permita estabelecer as premissas do seu disciplinamento.

<sup>5</sup> Jacques ELUL surpreende essa ambigüidade do termo: “*Quase sempre, quando se sai da identificação técnica-máquina, as definições encontradas são inadequadas aos fatos que atualmente verificamos.*” [ELUL, 1968:12] Mas consegue, ao mesmo tempo, escrever um livro de 445 páginas, discorrendo sobre a caracterologia da técnica contemporânea em relação a todo um passado do conceito, sem prover-lhe uma definição e, muito menos, a elucidação de sua inserção no quadro dos saberes.

<sup>6</sup> Nessa linha de pensamento estão todos os pensadores críticos que, na linha de MARCUSE atribuem à técnica um potencial de alienação e domínio, que, de alguma forma lhe é próprio e irrecusável. É o caso de SANTOS [1989:157 e seguintes] que opõe os conceitos de “*aplicação técnica*” e de “*aplicação edificante*” do saber.

<sup>7</sup> Nessa linha de pensamento insere-se um razoável número de autores contemporâneos que, tendo ultrapassado a idade da ingenuidade e, assim, também, a idade da rejeição, adotam uma linha de coexistência mais ou menos pacífica com o desenvolvimento científico tecnológico, postulando a sua disciplinação aos objetivos da revolução paradigmática em gestação. É o caso de Anthony GIDDENS [1996] que enfrenta o desafio do equacionamento prático da questão ecológica a partir do conceito de “*incerteza artificial*” e da aceitação positiva da sua facticidade.

A epistemologia de síntese afronta a insuficiência dessas abordagens e o desafio de oferecer uma definição sistemática para um conceito da técnica - ou **tecnologia** - que se pretenda compatível com a gravidade das suas implicações civilizatórias.

Para isso, avançamos a elaboração do nosso modelo paradigmático, no reconhecimento que, em cada um dos âmbitos da realidade que designamos como **campos de atualização do saber**, apenas duas operações epistemológicas são viáveis (eis que apenas dois **interesses epistemológicos** impactam no respectivo espaço de propriedades). Daí porque o processo de comunicação, e assim o conhecimento que lhe é conseqüente, restam inconclusos como projetos de investigação restritos a apenas um, ou mesmo dois destes aspectos da totalidade.

Inobstante, os diferentes âmbitos da realidade, a todo momento, refletem desenvolvimentos particularizados e especializados da comunicação lingüística, num nível mais abaixo daquele que é compreendido pela Divisão Funcional do Saber e que lhe são tributários. Trata-se, na falta de outra designação, de um efeito projetivo das operações do modo de produção do saber, que se desenvolvem, ao nível dos interesses epistemológicos, sobre os campos de atualização do saber que lhes são contíguos. Isso que tende a gerar, como terceiridade do seu fazer comunicativo, o produto híbrido de uma tríade, cujos primeiro e segundo correlatos são integrados pelos subsignos do **princípio** de um determinado interesse, e do **arquétipo** de um outro. Ao tipo de conhecimento resultante, designamos pela denominação genérica de **praxiologia**, emergindo aqui uma terceira **Divisão Praxiológica do Saber**, que compreende a **pedagogia**, a **terapia** e a **tecnologia**. [A Tabela 18 dá conta da matriz genética dos três conceitos.]

**Tabela 18 - Efeitos projetivos das operações epistemológicas nos campos de atualização do saber, configurando as três disciplinas de uma praxiologia estrutural.**

| <b>CAMPOS DE ATUALIZAÇÃO DO SABER</b>                        | <b>PRINCÍPIOS</b> | <b>ARQUÉTIPOS</b> | <b>SÍNTESE APLICATIVO-EXPRESSIVA</b>                              |
|--|-------------------|-------------------|---|
| <b>Campo da Fundamentação Transcendental do Entendimento</b> | RAZÃO             | CONSCIÊNCIA       | PEDAGOGIA (EDUCAÇÃO) - atualiza o caráter construtivista do saber |
| <b>Campo da Reconstrução Teórica do Significado</b>          | CRÍTICA           | PARADIGMA         | TERAPIA - atualiza o caráter emancipatório do saber               |
| <b>Campo da Compreensão Participativa do Discurso</b>        | SABEDORIA PRÁTICA | MÉTODO            | TECNOLOGIA - atualiza a intervenção do saber no mundo da vida     |

A identificação destes três conceitos, num primeiro momento, permite salientar que as condições de sua efetiva apropriação, no processo de produção do saber, implicam na sua relação de complementaridade. Assim, utilizando o conceito de SANTOS, diríamos que é insuscetível de efetivar-se uma *aplicação edificante* do conhecimento como **tecnologia**, sem que as suas condições **pedagógicas** e **terapêuticas** tenham sido equacionadas. Da mesma forma, será prejudicado o processo pedagógico não estiver apoiado em uma base tecnológica e numa orientação terapêutica adequada. O que não significa que se precise ter, necessariamente, “internet” na escola ou que se precise fazer “análise” em sala de aula. Mas tão simplesmente, que todo projeto educativo-pedagógico deve clarificar e equacionar as condições técnicas e terapêuticas da sua realização.

A **Epistemologia de síntese**, agora qualificada pela dinâmica dessas operações, é sobretudo a expressão gnosiológica de uma cosmovisão aberta, que:

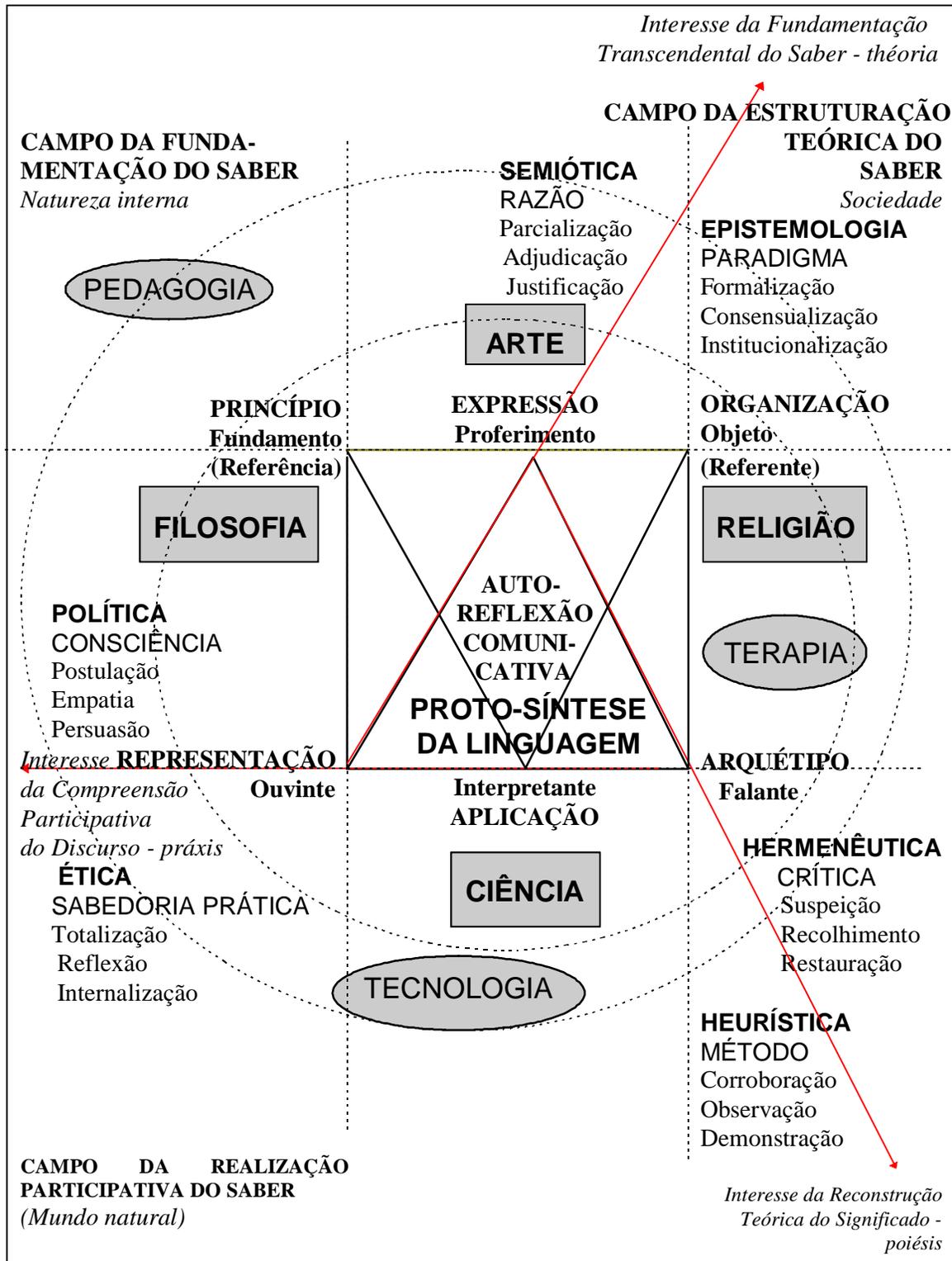
- No **Campo da Fundamentação do Saber**, assume decididamente o seu substrato pedagógico. PEDAGOGIA (ou EDUCAÇÃO), portanto, passa a constituir-se num conceito-chave no processo de comunicação lingüística. Visualizado pelos dois vetores do seu fundamento e do seu objeto, o processo educativo promove a incidência do princípio da RAZÃO no arquétipo da CONSCIÊNCIA.<sup>8</sup> Há aqui uma relação a ser clarificada entre educar-se e conhecer, entre os processos da formação moral e o acesso a níveis de racionalidade mais complexos e elaborados.
- No **Campo da Estruturação do Teórica Saber**, assume decididamente a sua condição terapêutica. TERAPIA, como auto-transformação ou auto-transcendência do que se torna conhecido, passa a constituir-se num aspecto crucial do processo da comunicação lingüística. Visualizado pelos dois vetores, do seu fundamento e do seu objeto, o processo terapêutico promove a incidência do princípio da CRÍTICA no arquétipo do PARADIGMA. Há aqui uma relação a ser clarificada entre resolver-se pessoalmente [os próprios traumas, tabus, preconceitos, angústias] e conhecer entre os processos da transformação pessoal e social, e o acesso a níveis mais complexos de compreensão-explicação do real.
- No **Campo da Realização Participativa do Saber**, assume decididamente a sua dimensão tecnológica. TÉCNICA, como instrumentação da intervenção humana na natureza, é visualizada aqui, não apenas como uma decorrência do processo da comunicação lingüística, mas como uma condição crucial para o equacionamento das condições da sobrevivência da Humanidade. Visualizado pelos dois vetores do seu fundamento e do seu objeto, o processo técnico promove a incidência do princípio da SABEDORIA PRÁTICA no arquétipo do MÉTODO. Há aqui uma relação a ser clarificada, entre as condições de totalização, reflexividade e moralidade do saber prático e o acesso a níveis mais consistentes de intervenção e reprodução do mundo da vida.

A epistemologia de síntese, através dessas clarificações avança um movimento muito próprio de auto-confirmação.[**Quadro 12**]

---

<sup>8</sup> Como se terá oportunidade de demonstrar mais adiante neste texto, é consistente ao arcabouço teórico da epistemologia de síntese, que esta interação seja construtivista - como um processo formativo que permite a elevação da consciência a estádios de desenvolvimento em níveis crescentes de complexidade, a medida em que o processo formativo lhe permite acessar os vários níveis e agregar as diferentes dimensões do processo da auto-reflexão e da auto-realização comunicativas.

**Quadro 12:** Esboço diagramático das categorias que performam o paradigma da epistemologia de síntese, incluindo a constelação das subtríades dos interesses epistemológicos.



Ganham sentido, no **Quadro 12** acima, alguns conceitos que tradicionalmente têm sido utilizados de forma incidental, desarticulada e precária, para designar modos específicos de operação do espírito na prática do conhecimento. No quadro da epistemologia de síntese, esses

conceitos ganham uma base sistemática e um modo de operação articulado a um modelo paradigmático, explicitando de uma forma original o seu lugar entre os saberes e seus vínculos funcionais. A epistemologia sintetiza uma visão de conjunto que os integra, corroborando nisso o seu prospecto paradigmático.

## 5.2 *As quatro díades da manifestação parcelar dos saberes e as quatro relações originárias de sentido no paradigma da tríade sýgnica*

Uma nova figura geométrica nos reclama a atenção - no centro do diagrama que esboça um modelo paradigmático das relações triádicas (e seus conceitos) na epistemologia de síntese - e nos desafia a capacidade analítica. É um quadrado, formado pela justaposição de um segundo triângulo invertido (a tríade do **fazer comunicativo**), sobre a primeira tríade (do **agir comunicativo**). Em cada um dos ângulos da figura quaternária representa-se um conceito - uma totalidade refletida ou vivida, que atua como primeiridade ou secundidade nas relações triádicas do núcleo sýgnico. Os seus lados figuram relações originárias de sentido - díades - que representam a dialética das quatro manifestações da totalidade [PRINCÍPIO, ORGANIZAÇÃO, ARQUÉTIPO e REPRESENTAÇÃO]. É onde emergem à análise os elementos conceituais que permitem identificar e precisar o *status* epistemológico dos quatro saberes: FILOSOFIA, RELIGIÃO, ARTE e CIÊNCIA.

Na análise dessas quatro **díades da manifestação parcelar dos saberes** na história do pensamento ocidental, é oportuno resgatar sua emergência e correspondência na obra dos diferentes autores, que partilham a compreensão cognitivista cujas origens remontam à dialógica socrática e à teoria do conhecimento de PLATÃO (República, Livro VII).

Ressalta na análise dessa quaternidade, o sentido que a formação da CONSCIÊNCIA performa, nas suas múltiplas interações (cognitivismo) ou etapas do seu desenvolvimento (construtivismo), as diferentes e complementares exigências do conhecimento. São quatro planos em que o ser humano precisa operar - ou estágios que precisa cumprir - para alcançar ou construir o entendimento. Condições ou etapas que, embora satisfeitas e ultrapassadas, continua vivenciando na particularidade do cotidiano, nas exigências práticas do conhecimento: que fazem pleno de sentido o **senso comum** da vida; que reconhecem a indispensabilidade da **crença** e o seu conteúdo de verdade; que estimulam a **compreensão** e fundam a **inteligência** na perscrutação do sentido transcendental do ser.

Destaca-se, na perspectiva aberta pela nossa análise, a convergência teórica das concepções elaboradas por PLATÃO, PIAGET, KUHN, MOLES, POPPER, MANNHEIM e FOUCAULT, que focalizam as **relações originárias de sentido** inicialmente propostas ao entendimento nas categorias socrático-platônicas da **percepção, crença, compreensão e inteligência**. Essa caracterização de quatro operações ou etapas no processo do conhecimento, na seqüência das quaternidades elaboradas pelos autores contrastados na **Tabela 19**, é convergente, também, à concepção dos estágios de desenvolvimento da consciência moral de KOHLBERG (1981), e sua discussão em HABERMAS (1989) e APEL (1994). Pertence ao campo da epistemologia genética, que preferimos conceituar mais amplamente como HEURÍSTICA, a reflexão sobre os processos concretos das relações originárias de sentido. É nesse campo, que se desenvolvem contemporaneamente os estudos sobre o processo da criação científica e a criatividade em geral no agir e no fazer comunicativos.

Tabela 19 - Esquemática da convergência histórica de enfoques cognitivistas:

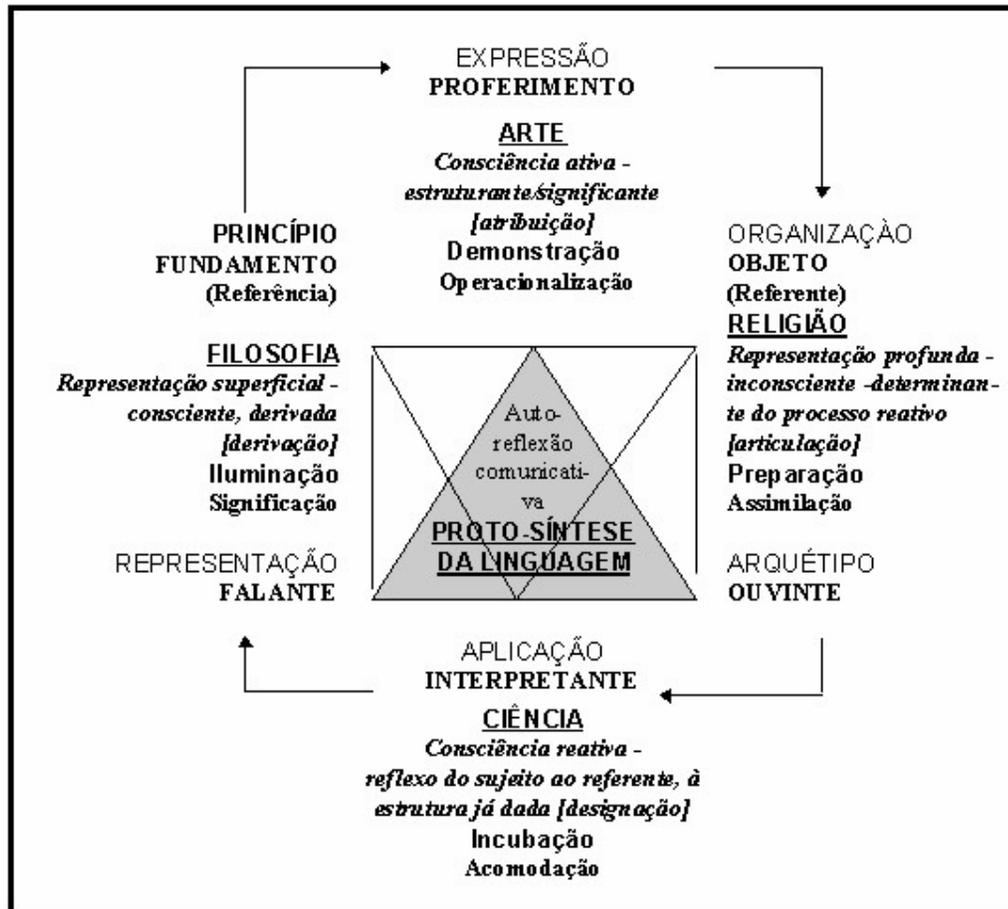
| Platão   | Piaget I - processos  | Piaget II - estádios   | Moles  | Popper  | Mannheim  | Foucault I - processos                              | Foucault II - estádios   |
|--|---|--|--|---|---|---|--|
| <u>Percepção das sombras:</u> conhecimento das aparências, semelhanças e impressões  | <u>Assimilação:</u> o organismo transforma o mundo em parte de si mesmo   | <u>Nível sensório-motor:</u> o indivíduo refere os objetos a si mesmo (realismo)   | <u>Preparação:</u> absorção da lógica da ciência feita - coercitividade sobre o sujeito  | <u>P1, P2, P3...</u> - acumulação de problemas de explicação na utilização/operacionalização de uma teoria - erros e contradições (Impactos do M3 - no M1/M2)     | <u>Conceito particular de ideologia:</u> uma visão psicologista, fragmentária do pensamento   | <u>Articulação:</u> primeira operação da linguagem] | <u>Representação 1:</u> profunda, inconsciente, determinante do processo reativo no primeiro nível. <u>Século XVI</u> - análise das semelhanças e significações do mundo (pragmatismo)   |
| <u>Crença:</u> redução da verdade aos efeitos da experiência - o sujeito afirma o real empírico - é prisioneiro do sensível                                | <u>Acomodação</u> - o sujeito se modifica para conhecer o objeto - alteridade com submissão ao objeto                                     | <u>Nível pré-operatório:</u> reconstrução da ação pela linguagem - socialização (substancialismo)  | <u>Incubação:</u> desagregação da lógica da ciência-feita - ação das infralógicas - questionamento do insignificante   | <u>TT - Tentativa de Solução Teórica:</u> conjecturas - elaboração do modelo teórico de explicação (Retroatomização do Mundo da mente - M2 - no M3)               | <u>Concepção total embrionária:</u> denota uma unidade estrutural do mundo que se reporta à consciência-emisi (abstrata/supertemporal)                              | <u>Designação:</u> segunda operação da linguagem]   | <u>Consciência reativa:</u> reflexo do sujeito ao referente, à estrutura sempre já-dada. <u>Século XVII</u> - o método apreende - e estabelece a ordem natural (racionalismo)  |
| <u>Compreensão/pensamento:</u> o sujeito ultrapassa o mundo sensível para compreender o reflexo dos objetos no mundo inteligível - formulação de hipóteses | <u>Significação:</u> o sujeito retira o conhecimento diretamente dos objetos ou da ação sobre eles - primeiro nível da abstração empírica | <u>Nível das operações concretas:</u> aplicação racional da inteligência a problemas concretos, dependendo das imposições da realidade (dinamismo) | <u>Iluminação:</u> descoberta do novo - mudança do significado   | <u>EE - eliminação de erros</u> - refutações - teste empírico e teste crucial (Reconfiguração do Mundo sensível - M1 - no M2)                                     | <u>Concepção total concreta:</u> decompõe a unidade estrutural do mundo na determinação social do pensamento  | <u>Derivação:</u> terceira operação da linguagem]   | <u>Representação 2:</u> superficial, consciente, derivada do processo reativo no primeiro nível. <u>Secs. XVIII e XIX:</u> separação de sujeito/objeto, transcendental/empírico, estrutura/caráter (idealismo/empirismo)                 |
| <u>Inteligência:</u> conhecimento absoluto das idéias imutáveis - pensamento axiomático, derivado, não hipotético  | <u>Operacionalização:</u> o sujeito extrai o conhecimento o da ordenação da ação sobre os objetos - segundo nível da abstração reflexiva  | <u>Nível das operações formais:</u> construção da teoria - método hipotético-dedutivo - formalização (relativismo)                                 | <u>Verificação/demonstração:</u> comprovação empírica e manipulação das evidências na reconstrução do sentido - persuasão pelo recurso a valores ético/estéticos transcendentais | <u>Teoria aceita:</u> ciência como conhecimento objetivo, provisório e sobrevivente - falsificável - é produto autônomo da atividade humana (Impacto do M2 no M3) | <u>Sociologia do conhecimento:</u> o conhecimento como reconstrução crítica e relacional do significado - a objetividade possível - disciplina da forma e do método | <u>Atribuição:</u> quarta operação da linguagem]    | <u>Consciência ativa do sujeito:</u> estruturante - significante. <u>Modernidade - Secs. XIX e XX:</u> entre o empírico e o transcendental abre-se o espaço da representação - alienação/ inconsciente/ instinto - Marx/Freud/Nietzsche. |

Uma conclusão provisória e sintética da análise até aqui desenvolvida permitiria afirmar que a percepção das **três dimensões analíticas do signo**, visualizadas numa **dupla perspectiva (directa e obliqua)**, permite a **abordagem conceitual de uma realidade que conforma quatro categorias da totalidade** (PRINCÍPIO, ORGANIZAÇÃO, ARQUÉTIPO e REPRESENTAÇÃO); as quais mantêm, entre si, **quatro relações originárias de significado** (ASSIMILAÇÃO, ACOMODAÇÃO, SIGNIFICAÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO)<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> A essas categorias propostas por PIAGET, correspondem, além daquelas apresentadas na Tabela 19, os conceitos com que FOUCAULT caracteriza o paradigma cultural do século XVI: *convenientia, aemulatio, analogia e simpatia*. [1995:33-46]

Relações, por sua vez, que se corporificam nas **quatro díades da manifestação dos saberes**, até porque *o termo-símbolo parece bastante adequado para designar os instrumentos culturais de nossa apreensão da realidade: linguagem* (ou filosofia), *religião* (ou política), *arte*, e *ciência* [RICOEUR, 1977:20]. O **Quadro 13**, a seguir, reduz o conteúdo dessas conclusões ao diagrama do NÚCLEO do SIGNO.

**Quadro 13 - Diagrama das quatro categorias da totalidade, das quatro relações originárias de sentido e das quatro díades da manifestação dos saberes (filosofia, arte, ciência e religião/política)**



Aqui, o nosso **fazer comunicativo** promove a compreensão ampla de uma quaternidade conceitual, no contexto de uma abordagem morfológica dos processos da consciência, que operam as mediações dialéticas do entendimento. A *função simbólica*, no sentido que lhe conferem CASSIRER e RICOEUR - como *o denominador comum de todos os modos de objetivar, de dar sentido à realidade (...)* a *função de síntese do espírito* - passa a constituir o centro da nossa reflexão [RICOEUR, 1977:20.]

Na perspectiva do NÚCLEO do SIGNO, constituem, assim, as quatro **categorias da totalidade** trabalhadas pela dupla abordagem (*directa e obliqua*) da tríade sýgnica, uma PROTO-SÍNTESE DA LINGUAGEM:

- PRINCÍPIO - **fundamento** (referência) - a substância de que se trata - algo no mundo sobre que trata o discurso;

- ORGANIZAÇÃO - **objeto** (referente) - língua - conjunto dos signos utilizados por uma comunidade lingüística;
- ARQUÉTIPO - **receptor** - o **sujeito passivo** da comunicação.
- REPRESENTAÇÃO - **falante** - emissor - o **sujeito ativo** da comunicação;

Torna-se necessário justificar, neste ponto de nossa reflexão, a exclusão das categorias da EXPRESSÃO (**proferimento**-discurso) e da APLICAÇÃO (**argumento**-interpretante) na concepção que figuramos da realidade. De fato, essas categorias são inclusivas do quaternário proposto, enquanto **particularidades fenomênicas**, da relação triádica que se estabelece entre as quatro categorias da totalidade supra enumeradas, nas perspectivas do **agir** ou pelo **fazer comunicativos**.

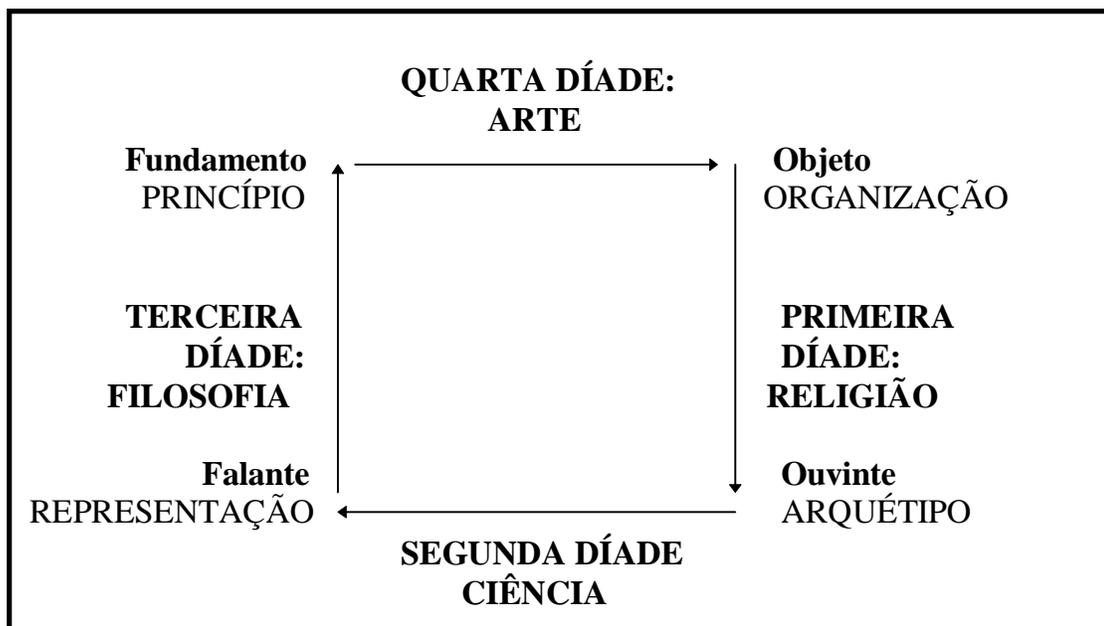
Assim como a matéria é percebida na teoria quântica, como onda ou como corpúsculo, dependendo da perspectiva do analista, assim também se compreende, na epistemologia de síntese, que a mediação necessária entre significante e significado resulta cognoscível, como expressão da auto-reflexão comunicativa: **ora como argumento** (APLICAÇÃO) - articulando a perspectiva da análise semiótica sobre a relação do **falante** (REPRESENTAÇÃO) e do seu **ouvinte** (ARQUÉTIPO); **ora como proferimento** (EXPRESSÃO) - articulando a perspectiva do entendimento hermenêutico sobre a relação do **fundamento** (PRINCÍPIO) e do **objeto** (ORGANIZAÇÃO).<sup>10</sup>

Subjaz, entretanto, à dualidade desses modos de apreensão do real, a substância concreta da sua polaridade, formando uma figura quaternária, onde cada relação entre os respectivos pólos conforma uma díade da Divisão Estrutural dos Saber. Aqui, FILOSOFIA, RELIGIÃO, ARTE e CIÊNCIA, correspondem, à sua vez, a cada um dos quatro lados do quadrilátero dos saberes [Quadro 14] - e, cada um destes, a uma relação originária de sentido entre as representações da totalidade, que são obviadas pela análise triádica do signo, na sua dupla configuração.

---

<sup>10</sup> Neste sentido, também, embora num outro nível de abordagem, a percepção de RICOEUR reforça o caráter diádico dessa interpretação: *O que pode prestar-se a confusão é que há no signo uma dualidade, ou, antes, dois pares de fatores que podem ser considerados, cada vez, como compondo a unidade da significação: em primeiro lugar, há a dualidade da estrutura do signo sensível e da significação que ele carrega (do significante e do significado, na terminologia de Ferdinand de Saussure); em seguida, há a dualidade intencional do signo (ao mesmo tempo sensível e espiritual, significante e significado) e da coisa ou do objeto designado* (RICOEUR, 1977:21).

**Quadro 14 - Quadrilátero da Divisão Estrutural dos Saberes, explicitando as quatro díades originárias de sentido.**



Ao chegar-se, de forma tão clara, simples e sistemática, à operacionalidade do modelo paradigmático da **epistemologia de síntese**, cabe ainda detalhar o conteúdo dessas quatro **relações originárias de sentido**, que se estabelecem entre as quatro representações da totalidade, dando lugar às quatro díades da representação dos saberes:

- PRIMEIRA DÍADE - apropriação do mundo da vida pelo sujeito-passivo (no **Quadro 14**, figurada pela seta que vai do OBJETO ao OUVINTE): estabelece o princípio da **representação profunda** - ou **articulação** [FOUCAULT]; corresponde aos processos de **preparação** [MOLES] e de **assimilação** [PIAGET]; e constitui-se como SEDE DO SABER QUE DESIGNAMOS POR **RELIGIÃO**;
- SEGUNDA DÍADE - adequação do sujeito-ativo para conhecer o objeto, gerando-se com isso a alteridade do sujeito em relação a si mesmo (o Ouvinte que assimilou o objeto e o Falante, que se destaca e se modifica para conhecer o objeto - relação figurada no **Quadro 14** pela seta que vai do OUVINTE ao FALANTE): submete, nesse movimento, o sujeito ativo-passivo ao objeto já assimilado; estabelece o princípio da **consciência reativa** - ou **designação** [FOUCAULT], correspondendo aos processos de **incubação** [MOLES] e de **acomodação** [PIAGET]; e constitui-se como SEDE DO SABER QUE DESIGNAMOS POR **CIÊNCIA**;
- TERCEIRA DÍADE - reconhecimento de um SIGNO pelo sujeito-ativo (representação do Fundamento do *representámen* pelo FALANTE) já modificado pela alteridade (no **Quadro 14**, figurada pela seta que vai do FALANTE ao FUNDAMENTO): estabelece o princípio da **representação superficial** - ou **derivação** [FOUCAULT]; corresponde aos processos de **iluminação** [MOLES] e de **significação** [PIAGET]; e constitui-se como SEDE DO SABER QUE DESIGNAMOS POR **FILOSOFIA**;
- QUARTA DÍADE - o sujeito extrai o conhecimento da reflexão do sentido de um SIGNO (como ordenação de uma ação) sobre o OBJETO (no **Quadro 14** figurada pela seta que vai do FUNDAMENTO do *representámen* ao OBJETO): estabelece o princípio da **consciência ativa** - ou **atribuição** [FOUCAULT]; corresponde aos processos de **demonstração** [MOLES] e de

operacionalização ]PIAGET]; e constitui-se como SEDE DO SABER QUE DESIGNAMOS POR ARTE.

Em conclusão a esse exercício de conformação topológica do Saber, figuremos agora sobre a base desse quadrilátero que representa as quatro diádes dos saberes parcelares, a convergência, num nível mais elevado dessa Planície epistêmica, dos dois triângulos superpostos e entrelaçados, com os quais vimos simbolizando o diagrama do SIGNO.

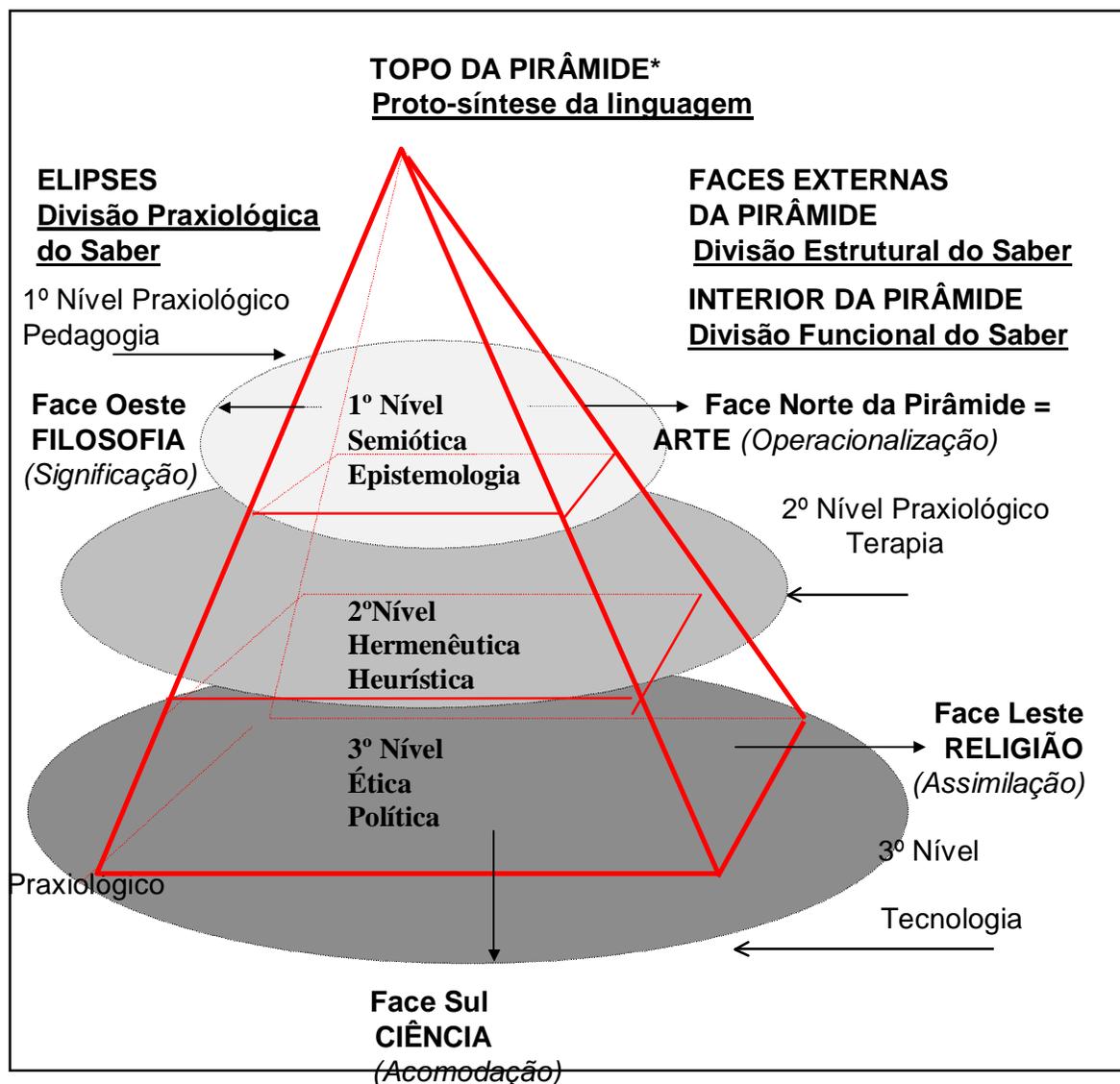
O que se configura então é um espaço tridimensional, formando a estrutura de uma pirâmide. O topo e o interior dessa pirâmide são ocupados pela constelação das tríades e subtríades que constituem a **Proto-Síntese da Linguagem** e a **Divisão Funcional do Saber**.

Na mirada desde o topo dessa pirâmide o **conhecimento é uno**, porque ainda fundado na compreensão do Ser que é anterior à sua própria Representação. Aqui, a **Proto-Síntese da Linguagem** simplesmente assinala o conteúdo sintético de uma dualidade símica, que vai se desvelar analiticamente nos três níveis da sua constelação subtriádica.

Num primeiro patamar, repartindo aposentos relativamente estreitos no seu espaço interno, mas divisando toda a amplitude do horizonte desde o nível mais elevado do Saber que nos é acessível, instalam-se a **Semiótica Transcendental** e a **Epistemologia de Síntese**. Nos dois patamares inferiores, em acomodações relativamente mais espaçosas, mas ao custo de uma gradativa restrição de horizontes, instalam-se, respectivamente, os departamentos da **Hermenêutica** e da **Heurística** e, a seguir da **Ética** e da **Política**.

Em cada um desses três pavimentos, existem portas de acesso, particular e restrito, ao conteúdo dos quatro saberes parcelares [FILOSOFIA, ARTE, RELIGIÃO e CIÊNCIA], que se refletem em cada uma das faces da pirâmide. Três elipses, externas a cada um dos níveis de operação funcional da pirâmide, permitem que se visualizem, gravitando na sombra e no reflexo da luz oferecida pelas quatro faces da pirâmide, a sua vez, cada uma das três disciplinas da Divisão Praxiológica do Saber: no primeiro patamar a PEDAGOGIA [ou EDUCAÇÃO], no segundo a TERAPIA e no terceiro a TECNOLOGIA. [Essa alegoria é figurada no **Quadro 15**].

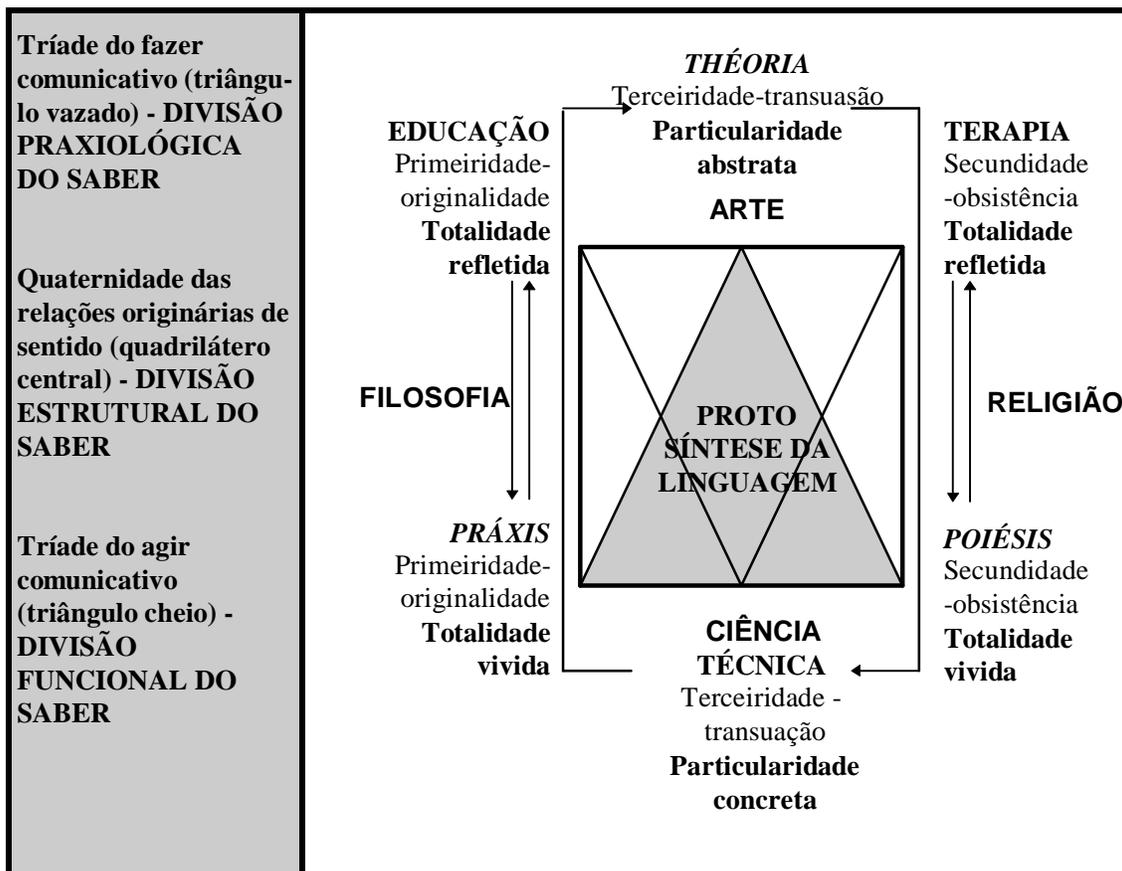
**Quadro 15 - Locus da síntese epistemológica, no espaço tridimensional das quatro relações originárias de sentido e das quatro díades da representação dos saberes.**



Na perspectiva que essa análise figurou, avança a caracterização do modelo paradigmático da epistemologia de síntese, numa compreensão profunda da configuração triádica do Saber, aqui visualizada nas suas três dimensões: Divisão Funcional do Saber, Divisão Estrutural do Saber e Divisão Praxiológica do Saber.

A Divisão Funcional do Saber, que atualiza a intervenção dos interesses epistemológicos no modo de produção do saber, já foi, também, designada pela sua correspondência à interação e complementaridade dos conceitos próprios da *poiésis*, *práxis* e *théoria*. A Divisão Estrutural do Saber, corresponde à quaternidade da construção parcelar dos saberes como filosofia, arte, religião e ciência. E, finalmente, a Divisão Praxiológica do Saber operacionaliza como educação, terapia e técnica, os três níveis da interface sîgnica entre o modelo epistêmico e a realidade do mundo. [O **Quadro 16** figura a correspondência desses conceitos no modelo paradigmático.]

**Quadro 16 - Configuração triádica dos saberes na perspectiva da epistemologia de síntese.**



A formalização que ora atingimos clarifica, com vantagem sobre as abordagens que lhe são anteriores - pela simplicidade do modelo que elabora [como *poiésis*], pela consistência dos conceitos que analisa [como *théoria*] e pela operacionalidade da visão de mundo que realiza [como *práxis*] - a dialética que imbrica a quaternidade dos saberes, nas três praxiologias e nas três divisões funcionais do saber. Isso que nos permite encontrar, na sua complexidade e nas suas fissuras, as condições para que possamos tematizar hoje, a questão irresolvida da relação entre o homem e a natureza.

A topologia dos conceitos no **Quadro 16** já é, por si mesma, significativa, e mapeia o roteiro de uma investigação fecunda. Em primeiro lugar, a correspondência entre os conceitos de *praxis* e educação, *théoria* e técnica, *poiésis* e terapia, qualifica as exigências funcionais que enquadram as diferentes praxiologias. O conceito paradigmático de “formação-ação” na pedagogia contemporânea; o potencial tecnológico da “ciência pura” nos grandes centros de pesquisa e desenvolvimento; e a crescente opção pela terapia da solidariedade e pela terapia trabalho no combate ao drogadício, são exemplos da consistência desse modelo, que salienta a relevância privilegiada da fundamentação prática, teórica e poiética, respectivamente, no embasamento da educação, da tecnologia e da terapia.

É ainda mais significativa a modelagem das relações diádicas, que originam os quatro saberes parcelares. No espaço estrutural da RELIGIÃO, o modelo ressalta a sua emergência,

como assimilação *poiética* de uma TERAPIA [ou como projeção terapêutica de uma *poiética*]; no espaço estrutural da CIÊNCIA, é marcante a sua acomodação na dupla funcionalidade de *práxis* e *poiésis*, e o caráter privilegiado da TÉCNICA como a sua dimensão praxiológica; no espaço estrutural da FILOSOFIA, ressalta a significação prática da sua PEDAGOGIA [ou a projeção educativa da sua *práxis*]; e, finalmente, no espaço estrutural da ARTE, ressalta a ambigüidade de sua natureza educativa e terapêutica.

Foge ao escopo deste texto o aprofundamento dessas denotações conceituais, mas desde logo pode-se ter uma idéia da sua repercussão no mundo da vida, pelo caráter inusitado deste enquadramento lógico, que submete a CIÊNCIA à reflexividade dúplici do MÉTODO e da SABEDORIA PRÁTICA - e que visualiza o seu desbordamento praxiológico na condição de TECNOLOGIA, como a terceiridade [ou seja a transuação] de um fundamento [finalidade] PEDAGÓGICO e de um objeto [referencial] TERAPÊUTICO. Nada mais distante do neutralismo axiológico, da impessoalidade burocrática e da irresponsabilidade moral, que têm articulado as tentativas reducionistas de validação deste saber a uma mera derivação do seu próprio método - como se a projeção de *práxis* e *poiésis*, que a TÉCNICA carrega, e o conteúdo EDUCATIVO e TERAPÊUTICO de sua atualização, fossem redutíveis ao aspecto de *mimésis* que ela realiza.

O significado heurístico e, assim, o potencial explicativo do modelo paradigmático da epistemologia de síntese fica ainda mais claro quando se procede à representação sintética da contribuição teórica, dos grandes nomes da tradição triádica ocidental [já visualizada na **Tabela 16** e no **Quadro 8** - Capítulo 4, deste texto], agora em torno às categorias que integram o núcleo do processo de comunicação.

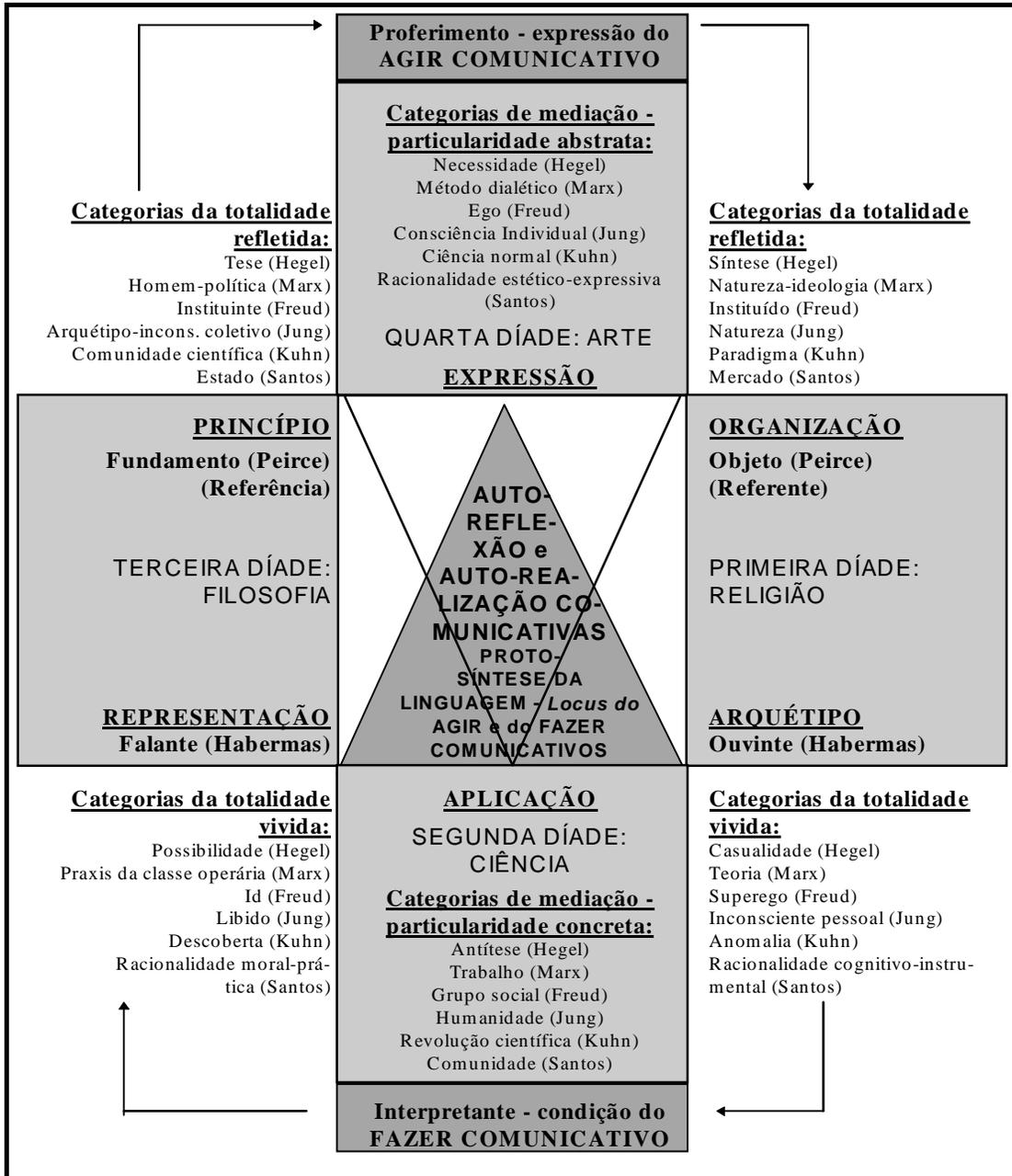
Dessa operação analítica, duas questões podem ser suscitadas: a primeira diz respeito à fidelidade maior ou menor ao pensamento desses autores, que porventura tenhamos logrado alcançar, ao identificarmos suas categorias básicas de análise e conformarmos o seu entendimento à problemática da dupla tríade, incorporando-as no modelo da epistemologia de síntese; a segunda diz respeito à necessidade de aprofundamento de uma análise comparada do pensamento desses autores (**Quadros 17 e 18**), que nos permita sinalizar as contradições ao novo paradigma, que porventura restam contidas no conteúdo substantivo dos respectivos enfoques da realidade.

Enquanto a primeira questão dá-se por resolvida, pela parte que nos cabe, podemos remetê-la à crítica no resultado de nossas reflexões que configura o **Quadro 17**, sempre na expectativa de despertar a benevolência do intérprete. Porque, na síntese de obra tão extensa e na releitura de conceitos tão complexos, como os que nos apresenta o pensamento dos autores que estamos trabalhando, sempre haverá dez argumentos e hipóteses alternativas a contestar sua classificação em limites tão exíguos.

O que justifica, no entanto, assumir-se o risco da simplificação ao explicitar-se os nexos teóricos que a pré-história da tríade sgnica mantém como o novo paradigma epistemológico, e que assim merece destaque e aprofundamento no curso desse texto, e a necessidade de caracterizar-se, na transição crítica do projeto da modernidade, o enorme potencial explicativo do novo paradigma epistemológico. E para que se o explore, demonstre e justifique, na sua capacidade de abarcar e transcender os limites explanatórios da teoria ultrapassada, empreendemos a (re)construção no modelo paradigmático da epistemologia de síntes, dos conceitos cunhados pela tradição triádica anterior (o **Quadro 18** a seguir, promove essa refundição, que será sintética, mas compreensiva da temática substantiva abordada pelos autores analisados).

O que figuramos no **Quadro 17** ainda se constitui numa justaposição de contribuições dispersas, cuja única - embora relevante - articulação é a correspondência analógica das suas categorias na topologia da dupla-tríade. A fundamentação que buscamos à epistemologia de síntese exige, no entanto, que avancemos a investigação da articulação substantiva dos respectivos conceitos. Isso que nos obriga a submeter o modelo paradigmático a um teste de consistência que, efetivamente, nos permitisse clarificar o nexos sistemático [que já reivindicávamos na primeira parte deste texto] entre a nova teoria do conhecimento e a teoria da sociedade que a antecipam.

**Quadro 17 - Esquemática das quatro díades no pensamento de Hegel, Marx, Freud, Jung, Kuhn, Habermas/Peirce e Santos.**

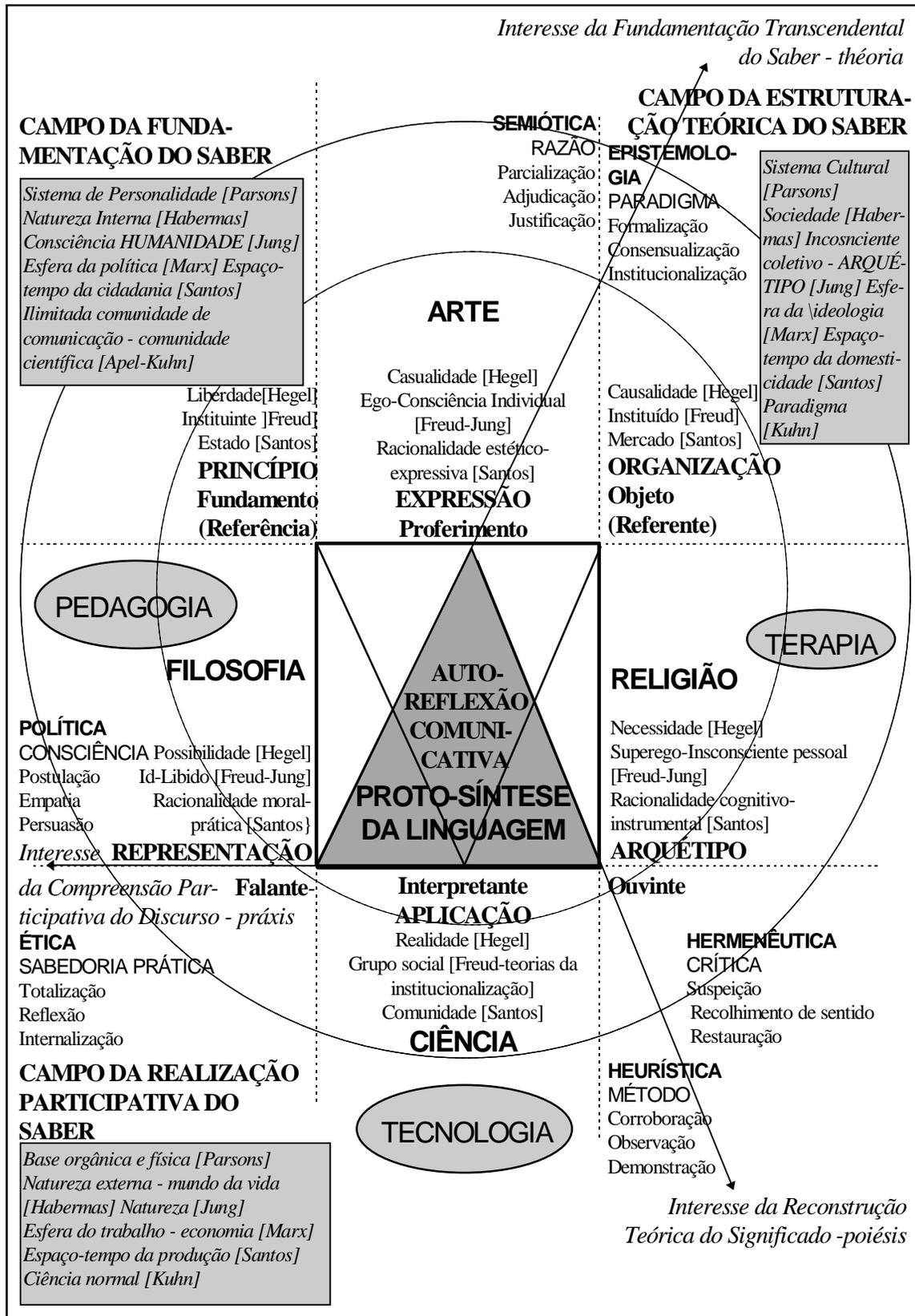


No **Quadro 18** empreendemos esse esforço de construção teórica. Dele ressalta uma refundição, ao mesmo tempo qualificadora e integradora dos conceitos avançados pelas teorias de

HEGEL e MARX, FREUD e JUNG, permitindo situar a abordagem da ciência elaborada por KUHN no horizonte mais amplo de suas conexões com a teoria da sociedade,

A diferença de nível, entre a visão estrutural de MARX [figurada pelos conceitos da política-ideologia-economia] e a dialética hegeliana que integra as categorias do núcleo sógnico [possibilidade-causalidade-necessidade e liberdade-realidade-causalidade], aponta uma direção de pesquisa que resgata a articulação desses conceitos no modelo paradigmático. No mesmo sentido, a distinção do nível em que JUNG elabora as suas categorias de uma psicologia-estrutural [Humanidade-Arquétipo-Natureza], permite refundi-las na correspondência das categorias freudianas [e jungianas] do psiquismo individual.

**Quadro 18 - Esboço diagramático das categorias que performam o paradigma da epistemologia de síntese - refundição teórica da tradição conceitual triádica.**



O modelo que avançamos no **Quadro 18** promove uma explicitação mais ampla da articulação entre os diferentes níveis de análise em que se desenvolve a elaboração teórica de SANTOS, estabelecendo o *locus* de suas categorias que identificam os contextos estruturais [espaço-temporais] da dialética da regulação [Estado-mercado-comunidade] e da emancipação [racionalidades estético-expressiva, cognitivo-instrumental e moral-prática]. Tudo isso é integrado num arcabouço teórico compatível com o modelo parsons-habermasiano da comunicação social e com a lógica triádica de PEIRCE.

Não é o momento de aprofundarmos essa análise teórico-substantiva do modelo paradigmático. Algumas observações preliminares, no entanto, são oportunas, à luz de sua formalização mais detalhada propiciada pelo **Quadro 18**. Elas avançam postulações referentes ao estatuto da técnica no paradigma da epistemologia de síntese. Primeiro, para surpreender no pensamento de dois gigantes do paradigma cientificista: de um lado, a (pré)conceituação de uma divisão estrutural dos saberes [em Freud]; e, de outro lado, as razões pelas quais o marxismo não conseguiu equacionar, de forma compatível com a expectativa de emancipação que emulou nos movimentos sociais, o reconhecimento e equacionamento da questão tecnológica [e, por extensão, da problemática que está implícita em nossa postulação de uma Divisão Praxiológica do Saber].

Freud subscreve nossa redução do campo dos saberes à quaternidade da Filosofia, Arte, Religião e Ciência<sup>11</sup>, na pretensão de situar o esforço de afirmação dessa última, dentro da ótica que comandou o cientificismo, como uma operação de conquista sobre os territórios dos demais saberes.<sup>12</sup> O ponto de inflexão no pensamento freudiano é sua visão particular da “visão de mundo” como um conceito sintético (*Weltanschauung*) do conhecimento, cuja conformação seria disputada em bases excludentes pelos diferentes saberes; mas em pleno momento de afirmação do cientificismo moderno, principalmente, pela ciência e pela religião.

---

<sup>11</sup> “*Dos três poderes que podem disputar a posição básica da ciência, apenas a religião deve ser considerada seriamente como adversária. A arte quase sempre é inócua e benéfica; não procura ser nada mais do que uma ilusão. Excetuando algumas pessoas que se dizem ‘possessas’ pela arte, esta não tenta invadir o reino da realidade, A filosofia não se opõe à ciência, comporta-se como uma ciência e, em parte, trabalha com os mesmos métodos; diverge, porém, da ciência, apegando-se à ilusão de ser capaz de apresentar um quadro do universo que seja sem falhas e coerente, embora tal quadro esteja fadado a ruir ante cada novo avanço em nosso conhecimento. Perde o rumo com seu método de superestimar o valor epistemológico de nossas operações lógicas e ao aceitar outras fontes de conhecimento, como a intuição. E muitas vezes parece que não é injustificado o mordaz comentário do poeta quando diz do filósofo? Mit seinem Nachtmützen und Schlafrockfetzen - Stopft e die Lücken des Weltenbauss* (‘Com seus barretes de dormir e com os trapos do seu roupão de noite ele remenda as falhas do edifício do universo’). A filosofia, no entanto, não exerce influência direta na grande massa da humanidade; é objeto do interesse de apenas um pequeno número de pessoas na camada superior de intelectuais, e dificilmente é compreensível para alguém mais. Por outro lado, a religião é um poder imenso que tem a seu serviço as mais fortes emoções dos seres humanos. Sabe-se muito bem que, em períodos anteriores, abrangia tudo o que desempenhava um papel intelectual na vida do homem, que ela assumia o lugar da ciência ali onde mal havia algo que se assemelhasse à ciência, e que ela construía uma **Weltanschauung** coerente e auto-suficiente num grau sem paralelo e que, embora profundamente abalada, persiste na atualidade”. [FREUD, 1976: 7273]

<sup>12</sup> “*Não é lícito declarar que ciência é um campo da atividade mental humana, e que a religião e a filosofia são outros campos, de valor pelo menos igual, e que a ciência não tem por que interferir nelas: que todas elas têm iguais pretensões de serem verdadeiras e que toda pessoa tem a liberdade de escolher de qual delas deverá derivar suas convicções e em qual delas depositará a sua crença. Uma opinião como esta é vista como especialmente superior, tolerante, emancipada e livre de preconceitos incultos. Infelizmente, não é sustentável e compartilha de todos os aspectos perniciosos de uma **Weltanschauung** não-científica, e a esta equivale, na prática. É que a verdade simplesmente não pode ser tolerante, não admite conciliações ou limitações, e o fato é que a pesquisa considera como propriedade sua todas as esferas da atividade humana, e deve exercer uma crítica incessante, se algum outro poder tenta arrebatá-lhe uma parte.* [FREUD, 1976:72].

Em sua análise, que ainda persiste atual nas trincheiras do velho paradigma expistemológico, Freud examina os valores e as funções desempenhadas por uma e outra - ciência e religião, para fixar-se na percepção do poder de persuasão, do discurso compensatório da religião sobre as frustrações das massas humanas, e numa condenação do respectivo irracionalismo<sup>13</sup> à luz de sua particular concepção da ciência. É nessa análise que FREUD excursiona em crítica ao marxismo, tal como se exercitava no projeto socialista da União Soviética, associando sua *Weltanschauung* aos mesmos traços que tratara de combater no imaginário religioso.<sup>14</sup>

O cerne da crítica de FREUD ao marxismo parte da sua recusa a quaisquer tentativas de transformação violenta da natureza humana, diante de cujas resistências e pulsões instintivas denuncia a truculência dos meios, que se colocaram em prática no experimento da revolução soviética. *“Não há dúvida quanto à maneira como o bolchevismo responderá a essas objeções. Dirá que, como por enquanto a natureza dos homens ainda não se transformou, é necessário empregar os meios que os atingem, hoje em dia. É impossível prescindir da coerção para que se eduquem, ou prescindir da proibição contra o pensamento, ou prescindir do emprego da força, ao ponto de derramar sangue...”* [FREUD, 1979: 95]. Inobstante, FREUD, mesmo percebendo no cientificismo uma postura dilemática - entre o ceticismo que cultiva e o fanatismo que denuncia - não consegue ultrapassar o horizonte da ciência como único recurso da razão para o processamento das mudanças estruturais da sociedade humana. O que o leva a atribuir, ao caráter imaturo das ciências sociais, as dificuldades do empreendimento bolchevista: *“O futuro no-lo dirá; talvez venha a mostrar-nos que o experimento foi empreendido prematuramente, que uma modificação radical da ordem social tem escassas perspectivas de êxito até o momento em que novas descobertas tiverem aumentado nosso controle sobre as forças da natureza e, dessa forma, tiverem tornado mais fácil a satisfação de nossas necessidades. Talvez somente então se tornaria possível que uma nova ordem social não só dê um fim às necessidades materiais das massas, como também se disponha a ouvir as exigências culturais do indivíduo.”*[FREUD, 1976:95/96]

FREUD não foi suficientemente crítico, e talvez nem as condições intelectuais do seu tempo lhe alcançassem esse descortino, para identificar na sua opção cética e asséptica pela ciência - [cética, pela compreensão dos limites muito concretos da sua capacidade de solução para os problemas humanos; asséptica, pela recusa de aceitação que soluções alternativas possam originar-se fora do âmbito da ciência] - a matriz teórica dos desenvolvimentos práticos, contra os quais a sua compreensão profunda da natureza humana o leva a rebelar-se. Aliás, uma matriz teórica que o socialismo real vai retirar do próprio conteúdo utópico e emancipatório do pensamento de MARX.

---

<sup>13</sup> *“A proibição do pensamento, estabelecida pela religião para assegurar sua auto-preservação, também está longe de ser isenta de perigos, seja para o indivíduo, seja para a sociedade humana.”*[Freud, 1976: 84].

<sup>14</sup> *“Embora o marxismo prático tenha varrido impiedosamente todos os sistemas idealísticos e as ilusões, ele próprio desenvolveu ilusões que não são menos questionáveis e merecedoras de desaprovação do que as anteriores. Ele espera, no curso de algumas gerações, de tal modo alterar a natureza humana, que as pessoas viverão juntas quase sem atrito na nova ordem da sociedade e que elas assumirão as tarefas do trabalho sem qualquer coerção. Nesse meio-tempo, ele muda para algum outro setor as restrições instintuais que são essenciais na sociedade, desvia para o exterior as tendências agressivas que ameaçam todas as comunidades humanas e apóia-se na hostilidade do pobre contra o rico e na hostilidade daquele que até então esteve impotente contra os governantes anteriores. Mas uma transformação da natureza humana, como esta que pretende, é altamente improvável. O entusiasmo com que a massa do povo segue a instigação bolchevista, atualmente, enquanto a obra está incompleta e ameaçada de fora, não oferece nenhuma certeza para um futuro no qual estaria completamente destruída e isenta de perigos. Exatamente da mesma forma como a religião, o bolchevismo deve também oferecer aos seus crentes determinadas compensações pelos sofrimentos e privações de sua vida atual, mediante promessas de um futuro melhor, em que não haverá mais qualquer necessidade insatisfeita.”*

MARX acreditava ter superado, na sua concepção da história humana e na sua proposta de enfrentamento das contradições do capitalismo, a contradição homem-natureza (ou natureza-humanizada *versus* natureza-natural), tendo, no entanto, simplesmente promovido uma tentativa de revogação da natureza enquanto tal.

Muito embora o esforço de alguns intelectuais, para explicitar no pensamento de MARX uma visão mais profunda, *esotérica*<sup>15</sup>, da conciliação do homem com a natureza [da *anti-physis* com a *physis*], o que resulta da sua aderência a uma concepção que privilegia o sujeito na história [vendo na natureza, basicamente, o resultado da ação humana... uma natureza não-natural, humanizada], é uma tentativa de revogação por decreto “*sócio-político*” [LEFEBVRE] da respectiva contradição [como aliás, e por extensão necessária, das duas outras contradições que sua teoria da sociedade permite identificar, quais sejam, trabalho *versus* capital e cidadão *versus* Estado].

Em conseqüência, o marxismo levou ao limite da sua ingenuidade mais perversa as perspectivas do cientificismo triunfante, enquanto a dominação da “*anti-physis*” (e por extensão, também, enquanto dominação do anti-capital como burocracia, e do anti-Estado como ditadura do proletariado). Cativo do **paradigma da modernidade** e embalado pela tese da “**incorporação do interesse geral**” da sociedade nas lutas do proletariado e, afinal, movido pela sua conseqüência escatológica na perspectiva do “**último confronto**”, o marxismo transformou o projeto da modernidade numa ortodoxia estatista e o movimento social numa cruzada religiosa. Fê-lo com Lênin, Trotsky e Stalin e reproduziu-o com Mao. Na primeira matriz, que ruiu com o muro de Berlim, exercitou o racionalismo político, como repressão violenta das manifestações atávicas da consciência, e permitiu-se acalentar a ilusão da megalomania cientificista, numa versão antecipada da corrida espacial e na justificação ideológica das teorias da guerra revolucionária e da corrida armamentista.<sup>16</sup>

Na segunda matriz, que a ótica europeizante dos estudos de globalização pouco tem investigado, embora se estenda a sua influência sobre o maior contingente humano da Terra, a absorção acrítica do entusiasmo modernizante [por exemplo, na standardização tailorista da produção] transmitiu-se ao cotidiano da vida, alimentou uma “revolução cultural” para a

---

<sup>15</sup> Lefebvre “*Marx escreveu em 1844: “A indústria é a relação histórica real da natureza e em conseqüência das ciências naturais, com o homem. Se ela é compreendida como revelação esotérica das forças do ser humano, o ser humano da natureza ou ser natural é igualmente compreendido, e as ciências naturais do homem perdem suas tendências materiais abstratas ou melhor suas tendências idealistas e tornam-se a base da ciência humana...” (...)* Porque Marx definiu a indústria como revelação “esotérica” (isto é, exterior) das forças do ser humano? Ou isso não quer dizer nada, ou quer dizer que há **também** uma revelação interna (esotérica) . Onde se produz essa segunda revelação? Quantas pessoas que se dizem marxistas esquecem de procurá-la e consideram a indústria num sentido estritamente econômico - com o trabalho industrial, a tecnologia e a economia política - como revelação total dos poderes do homem. De resto, o que compreende essa **natureza** que **nasce** no coração do ato gerador, historicamente da sociedade humana? Estes textos, densos e obscuros, tornaram-se propriamente incompreensíveis em razão do empobrecimento de uma certa filosofia dita marxista. Para encontrar sua riqueza de sentido, uma série de diligências teóricas se impõe, entre as quais a restituição da superação marxista da filosofia sistematizada, a crítica radical da ontologia idealista e materialista, a recusa do cientificismo e do subjetivismo filosófico-político.”[LEFEBVRE, 1969, 166/167]. LEFEBVRE, de alguma forma esqueceu-se de acrescentar que seria necessário revogar, também, o paradigma marxista de análise sócio-política, que, de fato, é o conjunto, estruturado e amalgamado, de todas essas características que compreendem o “*lado mau*” do pensamento de Marx e da prática socialista.

<sup>16</sup> “A megalomania stalinista projetava gigantescos trabalhos destinados a mudar a face do planeta, os homens organizados pelo poder socialista desviariam o curso dos rios, deslocariam as montanhas, modificariam os climas. As grandes proezas da técnica moderna vêm a propósito apoderar-se dos sonhos estalinistas, ampliá-los e conferir-lhes um sentido novo, ao mesmo tempo que uma realidade.”[LEFEBVRE, 1993:38]

destruição de tradições milenárias e amadurece a experiência mais exitosa de dominação política autoritária na segunda metade deste século. Da convergência à *chinoise* do autoritarismo de Estado com a agressividade capitalista dos tigres asiáticos, ainda se reservam supresas que o planeta terá que enfrentar no limiar do novo milênio.

Mas o utopismo modernista, no contraditório da sua versão marxista militante, não abre espaço para esse questionamento e reproduz, em nosso meio, periférico à meditação do desastre europeu e completamente alienado à meditação do sucesso oriental, uma tentativa de restauração do conceito marxista, que projeta o velho ranço do tailorismo social e do stalinismo político, nas soluções “técnicas” e no centralismo democrático, que os novos movimentos marxistas tem promovido no debate político contemporâneo.

Surpreende, nesse sentido, o misto de ingenuidade política e de eficácia psico-social, de uma estratégia de incorporação das massas ao projeto da modernidade, que se caracteriza pelo reducionismo das complexidades que integram o desafio contemporâneo do desenvolvimento político, econômico e social, num dualismo à *outrance* que pretende resolver a problemática da crise que enfrentamos na simplicidade de uma opção preferencial entre pequenos e grandes, entre excluídos e incluídos, entre explorados e exploradores. Isso vem a se traduzir numa teoria somatória do desenvolvimento, onde o interesse agregado dos pequenos, dos excluídos e dos explorados é promovido como panacéia dos males da nossa civilização, e a manipulação publicitária das suas pulsões profundas ganha foros de um *deus ex machina* da mudança social desejada. Projeta-se aqui uma justificativa precária para a dispersão inconseqüente de recursos públicos e para o apelo demagógico à solidariedade acrítica das massas. E se promovem processos de arregimentação política que ameaçam dissolver, em efetivas cruzadas dos mais-semelhantes, a diferença que explicita a razão e até mesmo a insignificância que projeta o entendimento, tão raras como essenciais à democracia.

É essa trágica conseqüência do processo termidoriano da Revolução Social do Século XX, que se escancara em nosso país no esgotamento do projeto social da modernidade. A emergência do “*risco artificial*” [GIDDENS], em conseqüência da reflexividade da dominação humana sobre a natureza; a reação anárquica do capital flutuante nos mercados internacionais; e as resistências corporativas na crise do Estado denunciam as violências que em seu nome se tem cometido. É o que decorre, aliás, do silêncio de MARX... sobre a natureza, sobre o modo de produção socialista, e sobre a democracia comunista.

A tentativa certamente bem intencionada, mas muitas vezes ingênua, de resgatar esse vazio na elaboração de um *marxismo-que-Marx-não-desenvolveu*, defronta-se com a significação brutal e concreta no processo civilizatório deste século, das contradições abertas pela respectiva omissão e das conseqüências sócio-políticas de se tentar impingir à razão, à capacidade crítica e à sabedoria prática, a sua matriz de pensamento. A aderência acrítica e sectária aos cânones de uma vertente que foi responsável pelo mais grosseiro [representado pela Academia de Ciência Estalinista] e pelo mais truculento [Representado pela Revolução Cultural na China] dentre os “*epistemicídios*”<sup>17</sup> que se cometeram no bojo da Revolução Social do Século XX, acessa e acumula recursos de poder virtual ou real que, se liberados ao conflito de uma nova cruzada escatológica, ameaçam promover um novo obscurantismo.

---

<sup>17</sup> Não há expressão mais forte para caracterizar essa tendência à repressão do pensamento, que contradiz o potencial emancipatório da utopia socialista, que o termo utilizado por SANTOS: “*O genocídio que pontuou tantas vezes a expansão européia foi também um epistemicídio (...) Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam constituir uma ameaça à expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, à expansão comunista (neste domínio tão moderna quanto a capitalista)...*[SANTOS, 1995:328].

Como SANTOS, consideramos “o epistemicídio como um dos grandes crimes contra a humanidade”[1995:329]. Na trajetória da civilização ocidental, o desterro dos saberes alternativos da RELIGIÃO, da FILOSOFIA e da ARTE - até como reação a uma dominação teocrática igualmente excludente - pela ciência, não propicia alternativas diante da realidade pungente que nos oferece a realização e a frustração do paradigma da modernidade. O desenvolvimento da ciência superou as expectativas mais megalômanas que lhe hipostaziaram o sucesso desde o início deste século e, no entanto, sua incapacidade de solução para os problemas reais da vida ficou aquém do que a dúvida mais sistemática lhe teria podido defrontar. Não se justificam esses fatos, como alguns podem pretende-lo, à luz de um desenvolvimento desigual: das ciências da natureza e das ciências humanas. Pois, embora ressalte o caráter mais lento - até porque mais imediatamente conflitivo - do desenvolvimento das ciências humanas e da sua dificuldade de resposta aos questionamentos sobre o governo e a administração dos recursos sociais, é no campo das próprias ciências da natureza que, hoje, a reflexividade do seu espantoso desenvolvimento, introduzindo nos cálculos da sobrevivência o conceito da “*incerteza artificial*”, demonstra a falta de correspondência entre a técnica e a vida, entre desenvolvimento tecnológico e solução dos problemas que afetam o equilíbrio do mundo da vida e a nossa sobrevivência no planeta.

Nesse contexto, o paradigma da epistemologia de síntese, procura clarificar uma visão de mundo alternativa ao paradigma da ciência, que limitou o horizonte do conhecimento pelo ceticismo intolerante [de FREUD] ou pelo fanatismo militante [do marxismo]. Nossa visão de mundo integra os quatro saberes. De fato, à ciência compete questionar a religião, a arte e a filosofia, relativamente a seus postulados de verdade. Mas se haverá de conceder, também, a estes saberes, a possibilidade de questionarem o desenvolvimento científico na exploração dos limites de sua insuficiência explicativa. JUNG demonstrou, como o soberbo desprezo de FREUD pela arte constitui uma limitação ao próprio desenvolvimento da psicanálise. A ciência contemporânea, por sua vez, tem sistematicamente se encarregado de explorar os pontos de contato entre os seus axiomas fundamentais e os princípios das grandes tradições religiosas. A própria filosofia encontra, na imbricação desses desenvolvimentos, uma temática específica para sua reflexão da contemporaneidade. O que ainda falta é a clarificação dessa nova visão de mundo, de sorte a determinarem-se meridianamente as relações, as implicações e as irredutibilidades entre os respectivos saberes.

A nossa convicção é de que o paradigma epistemológico, contra o epistemicídio das civilizações teocráticas ou científicas, avança uma alternativa para essa reflexão, a qual, evidentemente, só poderá ser avaliada a partir dos desenvolvimentos parcelares e específicos que vierem a explorar e aprofundar sua potencialidade teórica. Resgatamos a quaternidade dos saberes de qualquer exclusão possível no processo da comunicação social. Obviamente, um movimento contrário da reflexão deverá estabelecer os limites da sua interação desejável. Mas o que é ainda mais importante, adentramos uma compreensão do impacto desses saberes nos três âmbitos da realidade, que descortina uma outra interação, sem qualquer possibilidade de exclusão possível, entre pedagogia, terapia e tecnologia.

É no quadro dessa compreensão ampla que se poderá, afinal, equacionar o enfrentamento do tecnicismo-cientificista, sem correremos o risco imediato da mera substituição de um problema pelo outro, de uma miopia científicista por uma miopia partidarista. **Pelo que assim fica decretado, que doravante haverá que se equacionar, dentro de cada solução tecnológica, as suas dimensões terapêutica e pedagógica - as suas implicações globais no modo de produção do saber.**